

SANTO AMBRÓSIO DE MILÃO



SOBRE A PENITÊNCIA

FONTE DO TEXTO

academia.edu

Imagem da Capa

templariodemaria.com

Texto extraído do Vol. 5, «AMBRÓSIO DE MILÃO», da
coleção "Patrística", editada por "PAULOS"

SOBRE A PENITÊNCIA

I LIVRO

1. 1. Se o mais alto grau das virtudes é o que tem por fim o proveito da maioria, a moderação é com certeza a mais bela de todas; ela nem mesmo ofende aqueles que condena, e costuma tornar dignos de absolvição aqueles que teria condenado. Enfim, ela é a única que há de propagar a Igreja adquirida pelo sangue do Senhor (cf. At 20,28); é a imagem do benefício celeste e da redenção de todos; não ultrapassa o sensato limite que os ouvidos humanos podem suportar, que os espíritos não recusam e as almas não temem.

2. Com efeito, quem se esforça para corrigir os vícios da fraqueza humana, deve suportar a própria fraqueza sobre seus ombros, sentir-lhe de certa forma o peso, e não rejeitá-la. Pois se lê que aquele pastor do evangelho carregou a ovelha (cf. Lc 15,5) fatigada, não a abandonou, e Salomão diz: “Não queiras ser justo em excesso” (Ecl 7,17). Assim, a moderação deve temperar a justiça; pois como pode apresentar-se a ti para ser curado alguém que te cause fastio, alguém que pense que será para seu médico objeto de desprezo e não de compaixão?

3. Por isso o Senhor Jesus sofreu conosco para chamar-nos a si, não para afastar-nos de si. Veio manso, veio humilde (cf. Mt 11,29); ele diz, enfim: “Vinde a mim todos vós que estais fatigados, e eu vos reconfortarei” (Mt 11,28). Portanto, o Senhor Jesus reconfortou, não excluiu nem rejeitou; e com razão escolheu discípulos tais que, intérpretes da vontade do Senhor, reunissem o povo de Deus — e não o repudiassem.

Por conseguinte, está claro que entre os discípulos de Cristo não podem ser contados os que recomendam a dureza em lugar da mansidão, a soberba em lugar da humildade; para si mesmos procuram a misericórdia de Deus e negam-na aos outros; tais são os doutores dos novacianos, que chamam a si mesmos de “puros”.

4. Pode haver maior soberba, quando a Escritura diz que “Ninguém é puro de pecado, nem uma criança de um dia”? (Jó 14,4-5). E Davi clama: “Do meu pecado purifica-me” (Sl 50,4). Seriam estes mais santos do que Davi, de cuja família Cristo escolheu nascer, pelo mistério da encarnação? Cujas posteridade é o átrio do céu, o útero virginal que acolheu o redentor do mundo? Por outro lado, o que pode ser mais puro do que impor uma penitência que não acaba? Negando o perdão em qualquer circunstância, tiram o incentivo da penitência. Com efeito, ninguém pode fazer bem a penitência se não esperar indulgência.

2. 5. Entretanto, eles negam a comunhão aos que caíram na apostasia. — Se fizessem exceção tão-somente para o crime de sacrilégio, negando-lhe perdão, seriam certamente duros, mas em todo caso pareceriam refutados apenas pelas palavras divinas, e estariam de acordo com suas próprias asserções. O Senhor, com efeito, não fez exceção para nenhum crime, porque perdoou todos os pecados. Porém, mais ou menos como os estóicos, os novacianos pensam que todos os pecados devem ser avaliados pelas mesmas medidas; sustentam que tanto aquele que estrangular um galo do galinheiro, como dizem, quanto aquele que estrangular o pai, devem ser definitivamente banidos dos mistérios celestes. Como, pois, podem levantar objeção para os culpados de um único tipo de crime, se nem eles mesmos podem negar que é uma grande injustiça estender a muitos a pena de poucos?

6. Dizem eles, porém, que prestam reverência ao Senhor, o único a quem reservam o poder de remir os crimes. — Pelo contrário, ninguém lhe faz maior injúria do que aqueles que querem anular

seus mandamentos, rejeitar o encargo que lhes foi confiado. Pois se o próprio Senhor Jesus diz em seu Evangelho: “Recebei o Espírito Santo, e a quem perdoardes os pecado, ser-lhe-ão perdoados, e a quem os retiverdes, ser-lhe-ão retidos” (Jo 20,22-23) — quem é que o honra mais: aquele que obedece a seus mandamentos ou aquele que resiste a eles?

7. A Igreja presta obediência em ambos os casos, liga e desliga o pecado. A heresia, cruel aqui, desobediente ali, quer ligar aquilo que não desliga, não quer desligar aquilo que ligou. E nisso se condena por suas próprias asserções. O Senhor, com efeito, quis que o direito de desligar fosse igual ao de ligar; foi ele que concedeu um e outro nas mesmas condições. Portanto, aquele que não tem o direito de desligar, também não tem o de ligar. Com efeito, assim como, segundo a palavra do Senhor, quem tem o direito de ligar, tem igualmente o de desligar — assim também a afirmação dos novacianos enforca-se por si só: se eles negam a si mesmos o direito de desligar, devem negar também o de ligar. Como, pois, pode um direito ser legítimo e o outro não? Para quem um e outro foram concedidos, é claro que ambos são legítimos, ou é certo que ambos não o são. Para a Igreja, um e outro são legítimos, mas para a heresia não o é nem um nem outro; este direito, na verdade, é concedido só aos sacerdotes. Portanto é com razão que a Igreja o reivindica, porque ela tem verdadeiros sacerdotes; a heresia não pode reivindicá-lo, porque não tem sacerdotes de Deus. Ao não reivindicá-lo, porém, ela está declarando a seu próprio respeito que não tem sacerdotes, e por isso não deve reivindicar para si um direito sacerdotal. Assim, em sua atrevida obstinação, descobrimos uma discreta confissão.

8. Considera também o seguinte: quem recebe o Espírito Santo, recebe o poder de desligar e ligar pecados. Pois assim está escrito: “Recebei o Espírito Santo; àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados, e àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (Jo 20,22-23). Portanto, quem não pode desligar o pecado, não tem o Espírito Santo. Com efeito, é um dom do Espírito Santo a função do sacerdote; por outro lado, há um direito do Espírito Santo no fato de desligar e ligar os crimes. Como, pois, reivindicam os novacianos o dom daquele cujo direito e poder não reconhecem?

9. Como podem ser tão arrogantes? De fato, o Espírito de Deus é mais disposto à misericórdia do que à severidade; contudo, o que ele diz querer, eles não querem, e o que ele diz não querer, isto eles o fazem — embora punir seja a função de quem julga, e perdoar de quem exerce a misericórdia. Portanto, ó novaciano, seria mais tolerável desligares do que ligares; num caso, mesquinho para com o pecador, é como se o despojasses; no outro, compassivo com suas tribulações, é como se lhe perdoasses.

3. 10. Porém, eles dizem que, com exceção dos crimes mais graves, concedem perdão aos mais leves. — Novaciano, o criador do vosso erro, absolutamente não diria isto; ele julgava que a ninguém se devia dar penitência, quer dizer: percebia que aquilo que ele próprio não podia desligar, não deveria ligar; desse modo, sem ligar, não suscitava esperança de que pudesse desligar. Neste ponto, pois, condenais vosso pai com vossas próprias palavras, porque fazeis distinção entre os pecados que pensais poder desligar e aqueles que julgais não terem remédio. Porém Deus não faz distinção; ele prometeu sua misericórdia a todos e deu permissão de perdoar a seus sacerdotes, sem uma única exceção. Entretanto, quem acumulou culpas, que acumule também penitência; pois os maiores crimes são lavados por lágrimas mais copiosas. Assim não se pode aprovar nem Novaciano, porque fechou o perdão para todos, nem a vós, seus discípulos que o seguis e condenais, porque diminuíis o zelo da penitência quando é preciso aumentá-lo; com efeito, a misericórdia de Cristo ensinou que os pecados mais graves precisam ser sustentados por esteios mais fortes.

11. Que loucura é esta, de reivindicar para vós o que é possível conceder, e reservar para Deus — como vós mesmo dizeis — o que é impossível? Isto significa escolher para si os casos de perdão e

deixar para Deus a matéria de castigo. E onde fica a Palavra que diz: “Seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso, como está escrito: Para que sejas justo em tuas palavras e obtenhas a vitória quando fores julgado” (Rm 3,4; Sl 50,6)? Para que saibamos, pois, que Deus é mais indulgente na misericórdia do que implacável na severidade, ele mesmo diz: “Quero mais a misericórdia do que o sacrifício” (Os 6,6). Como, pois, pode ser agradável a Deus o vosso sacrifício, se negais misericórdia, quando ele mesmo diz que não quer a morte do pecados mas a sua correção (cf. Ez 18,23;33,11)?

12. O Apóstolo, interpretando-o, diz: “Deus, enviando seu Filho na semelhança da carne de pecado, e em vista do pecado, condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós” (Rm 8,3-4). Não diz “na semelhança da carne”, porque Cristo tomou a verdade da carne humana; nem diz “na semelhança do pecado”, porque “Ele não fez pecado” (cf. 1Pd 2,22), mas se fez pecado por nós (cf. 1Cor 5,21). Mas veio “na semelhança da carne do pecado”, isto é: tomou a semelhança da carne pecadora. Por isso “semelhança”, porque está escrito: “Ele é homem, e quem o reconheceu?” (Jr 17,9). Ele era “homem” na carne conforme o homem, e podia ser reconhecido, mas na virtude era superior ao homem, e não se pode reconhecê-lo. Assim, pois, ele tinha nossa carne, mas sua carne não tinha nossos vícios.

13. Com efeito, não foi gerado, como todos os homens, pela união de um homem e uma mulher, mas, nascido do Espírito Santo e da Virgem, recebeu um corpo imaculado, ao qual não só nenhuma espécie de vício havia manchado, como ainda nem mesmo a união aviltante da geração ou concepção havia sujado. Pois todos os homens nascemos sob o pecado; o próprio Davi nasceu no vício, como podes ler, quando ele diz: “Eis pois que fui concebido na iniquidade, e no pecado minha mãe me deu à luz” (Sl 50,7). Por isso a carne de Paulo era um corpo de morte, como ele próprio diz: “Quem me libertará desse corpo de morte?” (Rm 7,24). A carne de Cristo, porém, condenou o pecado, que ele não experimentou ao nascer, e que crucificou ao morrer; para que em nossa carne passasse a existir a justificação pela graça, onde antes só existia um amontoado de impurezas, por causa da culpa.

14. “O que podemos, pois, dizer diante disso”, senão aquilo que disse o Apóstolo: “Se Deus é por nós, quem está contra nós? Aquele que não poupou seu próprio filho, mas entregou-o por nós todos, como não nos dará também com ele todas as coisas? Quem acusará os eleitos de Deus? É Deus quem o justifica; quem poderá condená-los? Cristo, que morreu, mais ainda, que ressuscitou, que está à direita de Deus, que também intercede por nós?” (Rm 8,31-34). Portanto, aqueles pelos quais Cristo intercede são os que Novaciano acusa. Aqueles que Cristo remiu para a salvação, Novaciano os condena à morte. Àqueles a quem Cristo diz: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso” (Mt 11,29) — Novaciano diz: Sou cruel. Àqueles a quem Cristo diz: “Encontrareis repouso para vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11,29-30), a estes Novaciano impõe um fardo pesado e um jugo duro.

4. 15. Quão propenso é, pois, à misericórdia o Senhor Jesus! Embora as palavras precedentes o mostrem à saciedade, ele próprio te ensina também; quando quer instruir-nos contra o ataque da perseguição, diz: “Não queirais temer aqueles que matam o corpo, porém não podem matar a alma; contudo temei mais aquele que pode lançar a alma e o corpo na geena” (Mt 10,28); e abaixo diz: “Pois todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus. Aquele, porém, que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus” (Mt 10,32-33).

16. Quando ele confessa, confessa em favor de todos, a todos abraça; quando ele nega, não nega a todos. Com efeito, assim como está acima: “Todo aquele que me confessar, também eu o confessarei”, isto é, todo, seria lógico que abaixo também voltasse a dizer: “Todo aquele, porém,

que me negar”. Mas para não parecer que ele nega a todos, assim prosseguiu: “Aquele, porém, que me negar diante dos homens, também eu o negarei”. Promete a graça a todos e não ameaça a todos com o dano. Quando se trata de compaixão, ele exagera; quando se trata de punição, ele atenua.

17. E assim está escrito não só no livro do evangelho do Senhor Jesus Cristo segundo Mateus, mas também se lê no evangelho narrado segundo Lucas, para que saibas que não foi por acaso que ambos referimos isto.

18. Nós dissemos o que está escrito, juntemos o sentido. Diz Jesus: “Todo aquele que me confessar”, isto é: seja qual for sua vida, seja qual for seu estado, quem me confessar eu o recompensarei por sua confissão. Como se diz “todo”, ninguém que confesse está excluído da recompensa. Não se diz de modo semelhante que todo aquele que negar será negado; pode, pois, acontecer que alguém, vencido por suplícios, negue com palavras e adore com o coração.

19. Sobre o mesmo caso o de quem nega espontaneamente e o de quem foi forçado ao sacrilégio pelos suplícios, não pela vontade? Quando diante dos homens é reconhecido o mérito do combate, que indignidade pretender que não o seja diante de Deus! De fato, muitas vezes neste combate profano entre atletas, a multidão costuma coroar junto com os vencedores também os vencidos notáveis pelo modo de combater, sobretudo aqueles que ela vê privados da vitória por um logro casual ou fraude. E Cristo? Suportaria que ficassem sem perdão seus atletas, que viu cederem um momento por causa de grandes suplícios?

20. Não levará em consideração o argumento do esforço aquele que não rejeita para sempre nem mesmo os que rejeita? Diz com efeito Davi: “Deus não rejeitará para sempre” (cf. Sl 76,8); em oposição a ele, haveremos de ouvir a heresia que diz: “Rejeita para sempre?” “Nem no final, diz ele, Deus tirará sua misericórdia de geração em geração, ou se esquecerá de ter piedade” (cf. Sl 76,9-10): assim clama o profeta. E existem pessoas que insinuam certos esquecimentos da piedade de Deus...

5. 21. Dizem, porém, que fazem esta afirmação para não parecer que consideram Deus sujeito a mudanças, no caso de ele perdoar àqueles contra quem estivera irado. E então? Repudiaremos os oráculos divinos e seguiremos as opiniões destas pessoas? Deus não deve ser conhecido por opiniões alheias, mas por suas próprias palavras. Com efeito, podemos anunciar um sinal mais evidente da sua misericórdia do que este: aqueles que ele ameaçava em sua cólera por meio do profeta Oséias, logo em seguida perdoa, reconciliado com eles? Diz com efeito: “O que farei para ti, Efraim, ou o que farei para ti, Judá?” (Os 6,4) e abaixo: “Como te estabelecerei? Vou tornar-te como Adama e como Seboim” (Os 11,8). Mesmo indignado, como que movido por afeto paterno, hesita sobre a maneira de entregar ao castigo aquele que errou. Embora o judeu o mereça, Deus, contudo, ainda reflete consigo mesmo. Mas imediatamente aquele que dissera: “Eu te farei como Adama e como Seboim”, duas cidades vizinhas de Sodoma que compartilharam destruição semelhante (cf. Dt 29,23), diz assim: “Está mudado por dentro meu coração, está conturbado o meu arrependimento, não agirei segundo a ira do meu furor” (Os 11, 8-9).

22. Não é, pois, evidente que o Senhor Jesus se indigna conosco quando pecamos, para chamar-nos à conversão pelo terror da sua indignação? Portanto a sua indignação não é a administração de um castigo, mas sobretudo uma obra de perdão. Pois assim diz ele: “Se te converteres e chorares, então serás salvo” (Is 30,15). Portanto ele espera nossos gemidos, mas nesta vida, para nos remir dos gemidos eternos; espera nossas lágrimas para aprofundar sua piedade. Assim, no evangelho, ressuscitou o filho da mãe viúva, comovido por suas lágrimas (cf. Lc 7,11-17). Ele espera nossa conversão para que ele próprio também se volte para a graça, a qual persistirá em nós, se não formos arrastados por nenhum erro. Mas como, por causa dos nossos pecados, contraímos culpa, ele se

indigna para que nos humilhemos. Nós nos humilhamos para que sejamos mais dignos de compaixão do que de castigo.

23. Que te ensine retamente Jeremias, ao dizer que “O Senhor não rejeitará para sempre, porque ainda que humilhe, ele se compadecerá segundo a imensidão de sua misericórdia. Quem não humilhou de todo o seu coração, também não rejeitou os filhos dos homens” (Lm 3,31-33). Certamente lemos isto nas Lamentações de Jeremias e destas palavras ou das que se lhes seguem inferimos que ele humilha “sob seus pés todos os prisioneiros da terra ”(cf. Lm 3,34), para que possamos esquivar-nos de seu julgamento. Porém não é de todo o coração que ele humilha o pecador até a terra, porque também “da terra” ele levanta “o indigente e do esterco ergue o pobre” (cf. Sl 112,7); não humilha, pois, de todo o coração aquele que se reserva ao perdão.

24. Se não humilha de todo o coração o pecador, quanto mais não é de todo o coração que humilha aquele que não pecou de todo o coração! Pois assim como ele diz a respeito dos judeus: “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Mt 15,8), talvez diga a respeito de alguns que cederam: Estes me negaram com os lábios, mas no coração estão comigo. Venceu-os o sofrimento, não os perverteu a traição. É pois sem motivo que alguns negam o perdão a estes, cuja fé o próprio perseguidor confessou, a ponto de esforçar-se por derrubá-la com tormentos. Negaram uma vez, mas confessam todo dia. Negaram com a palavra, mas confessam com gemidos, confessam com lamentações, confessam com lágrimas, confessam com palavras livres, não sob coação. Cederam por um momento à tentação do diabo, mas até o diabo depois se afastou daqueles que não pôde reivindicar para si. Cedeu às lágrimas, cedeu à sua penitência. Apoderou-se deles quando não lhe pertenciam, perdeu-os quando eram seus.

25. Acaso não é como se alguém levasse prisioneiro o povo de uma cidade vencida? É levado prisioneiro, mas contra a vontade; marcha para terras estrangeiras por necessidade, porém no mais profundo de seu sentimento não emigra, leva a pátria consigo em espírito, procura uma ocasião para voltar. E então? Desta forma, quando voltar, será que existe alguém que aconselhe a não recebê-lo, ou, talvez, a recebê-lo com menos honras, preocupado sobretudo com que o adversário não tenha motivo de provocação? Se perdoas ao homem armado, que pôde resistir, não perdoarás àquele em que somente a fé combatia?

26. Se pedirmos a opinião do próprio diabo sobre os que cederam desta forma, será que ele não diria: “Este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim (cf. Mt 15,8)? Com efeito, como pode estar comigo quem não se afasta de Cristo? Eles parecem honrar-me sem motivo, pois guardam a doutrina de Jesus; eu julgava, porém, que ensinariam a minha doutrina. Com efeito, eles a condenam mais severamente em abandonando aquilo que eles descobriram. Certamente Jesus é mais glorificado neles, ao aceitá-los quando voltam a ele. Exultam todos os anjos, porque “há mais alegria no céu por um só pecador que faça penitência do que por noventa e nove justos que não precisam de penitência” (Lc 15,7). No céu e na terra o triunfo é arrebatado de mim. Nada está perdido para Cristo quando estes que vieram para mim com lágrimas, com desejo voltam para a Igreja. E por causa do exemplo deles corro perigo até pelos meus: terão aprendido que nada existe aqui, onde os homens não são atraídos nem por recompensas presentes — e que muito mais existe lá, onde os gemidos, as lágrimas, os jejuns são preferidos aos meus banquetes”.

6. 27. São estes, pois, ó novacianos, os que vós excluí? Com efeito, que outra coisa significa excluir, senão negar a esperança de perdão? Entretanto o samaritano não passou ao largo daquele que os ladrões tinham abandonado semimorto e curou-lhe as feridas com óleo e vinho; tendo-o banhado com óleo para aliviá-lo (cf. Lc 10,33-34), colocou o ferido sobre seu jumento, no qual levou todos os seus pecados. Nem o pastor desprezou a ovelha desgarrada (cf. Lc 15,4-6).

28. Vós, porém, dizeis: “Não queiras tocar-me” (cf. Jo 20,17). Mais soberba do que aquele doutor da lei que desejava tentar Cristo (cf. Lc 10,25), e querendo justificar-vos a vós mesmos (cf. Lc 10,29), vós dizeis: “Não é o nosso próximo”. Com efeito, ele disse: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10,29). Ele pergunta, vós negais; como aquele sacerdote, continuais a descer, e como o levita, passais ao largo daquele que devíeis acolher para curar (cf. Lc 10,31-32). Nem recebeis em vossa hospedaria aquele por quem Cristo pagou dois asses (cf. Lc 10,34-35), de quem Cristo ordena que te tornes próximo, para que mais facilmente tenhas misericórdia dele (cf. Lc 10,36-37). Com efeito, o verdadeiro próximo não é aquele que a semelhança de natureza uniu a nós, mas sim a misericórdia. Tu te fazes estranho a ele por soberba, vangloriando-te, “vãmente engrandecido pelo pensamento de tua carne, sem levar em conta a Cabeça” (cf. Cl 2,18-19). Com efeito, se levasses em conta a Cabeça, compreenderias que não deves abandonar aquele “por quem Cristo morreu” (cf. Rm 14,15). Se levasses em conta a Cabeça, compreenderias que é mais pela união do que pela divisão que todo o corpo cresce no conhecimento de Deus, pelo vínculo da caridade e pela redenção dos pecadores (cf. Cl 2,19).

29. Assim, visto que retirais todo o fruto da penitência, que mais podeis dizer senão isto: “Que nenhum ferido entre em nossa hospedaria, que ninguém seja curado em nossa Igreja; junto a nós não se curam doentes; somos sãos, não temos necessidade de médico, porque é ele mesmo que diz: “Não há necessidade de médico para os sãos, mas para aqueles que estão doentes” (Mt 9,12)?”

7. 30. Por isso, ó Senhor Jesus, eu vim inteiro para a tua Igreja, porque o novaciano não me recebe. O novaciano diz: “Comprei jugos de bois” (cf. Lc 14,19), pois que não aceita o jugo suave de Cristo e impõe sobre seu próprio pescoço um grande peso (cf. Mt 11,29-30), que não pode carregar (cf. Mt 23,4). O novaciano agarrou teus servos, pelos quais fora convidado, infligiu-lhes maus tratos e matou-os (cf. Mt 22,6), pois que os sujou com a mancha de um batismo repetido. Envia, pois, à saída das estradas; junta bons e maus; introduz na tua Igreja os fracos, cegos e coxos. Ordena que se encha tua casa, faz entrarem todos à tua ceia, porque aquele que tu chamares, tu o farás digno, se te seguir (cf. Mt 3,8-10; Lc 14, 21-23). Com razão é rejeitado aquele que não tem a veste nupcial, isto é, o manto da caridade, o véu da graça (cf. Mt 22,11-14). Envia, eu te digo, a todos.

31. Tua Igreja não recusa o convite para tua ceia, que recuse o novaciano. Tua família não diz: “Estou sã, não procuro médico”, mas diz: “Cura-me, Senhor, e ficarei curada, salva-me e serei salva” (cf. Jr 17,14). Enfim, a imagem de tua Igreja está naquela mulher que chegou por trás e tocou a fimbria de tua veste, “dizendo dentro de si: “se eu tocar sua veste, serei salva” (cf. Mt 9,20-21). Esta Igreja, pois, confessa suas feridas, esta Igreja deseja ser salva.

32. E tu, Senhor, certamente queres curar a todos, mas nem todos querem ser curados. Não o deseja o novaciano, que se julga sã. Tu, Senhor, dizes que estás enfermo, e no menor de todos (cf. Mt 25,40) sentes a nossa enfermidade, ao dizeres: “E eu estava doente e me visitastes” (Mt 25,36). O novaciano não sabe visitar aquele pequenino no qual tu desejas ser visitado. Tu dizes a Pedro, que se esquiva para que não lhe laves os pés: “Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo” (Jo 13,8). Que sociedade podem então ter contigo estes que não aceitam as chaves do Reino (cf. Mt 16,19), ao negarem que devem perdoar os pecados?

33. É certamente isto que eles confessam a seu próprio respeito — e com razão; de fato, não podem ter a herança de Pedro aqueles que não têm a cátedra de Pedro, a qual despedaçam com uma ímpia divisão. Contudo, é sem razão que negam também que na Igreja os pecados possam ser perdoados. Com efeito, foi dito a Pedro: “A ti eu darei as chaves do Reino dos céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será também desligado nos céus” (Mt 16,19), e o próprio “vaso de eleição” (cf. At 9,15) do Senhor diz: “Se perdoais algo a

alguém, também eu perdôo; pois também eu, o que perdoei, foi em vosso favor, na pessoa de Cristo” (2Cor 2,10). Por que então eles lêem Paulo, se pensam que ele errou com tal impiedade, que chegou a reivindicar para si um direito do seu Senhor? Mas ele reivindicou o que recebera; não usurpou o indevido.

8. 34. O Senhor quer que seus discípulos tenham mais poder; quer que seus servos possam fazer em seu nome tudo aquilo que ele próprio fazia, quando estava na terra. Ele diz, enfim: “E fareis coisas maiores do que estas” (Jo 14,12). Concedeu-lhes ressuscitar os mortos (cf. Mt 10,8), e embora ele mesmo pudesse devolver a Saulo o uso da vista, não obstante enviou-o a seu discípulo Ananias, para que através da bênção deste homem Saulo recuperasse os olhos que perdera (cf. At 9,6-18). Também a Pedro ordenou que caminhasse consigo sobre o mar, e, como ele hesitasse, repreendeu-o ali mesmo por ter enfraquecido a graça do dom com a exigüidade da fé (Mt 14,29-31). Ele, que era a luz do mundo (cf. Jo 8,12), concedeu também a seus discípulos serem a luz do mundo pela graça (cf. Mt 5,14). E como devia descer do céu e subir ao céu (cf. Jo 3,13), levou Elias ao céu, para de lá devolvê-lo à terra no tempo oportuno (cf. 2Rs 2,11; Mt 17,10-13). Da mesma forma, como devia batizar no Espírito Santo e no fogo, prenunciou o sacramento do batismo por meio de João (cf. Mt 3,11).

35. Enfim, concedeu tudo a seus discípulos, dizendo a respeito deles: “Em meu nome expulsarão demônios, falarão novas línguas, pegarão serpentes, e se beberem algo de mortífero, não os prejudicará; imporão as mãos sobre os doentes e eles ficarão curados” (Mc 16,17-18). Concedeu-lhes tudo, portanto, mas não há nenhum poder humano nestas coisas, nas quais é a graça do dom divino que atua.

36. Por que então vós impondes as mãos e acreditais ser obra da bênção, se algum doente por acaso recupera a saúde? Por que presumis que algumas pessoas possam ser purificadas da imundície do demônio através de vós? Por que batizais, se não é lícito que os pecados sejam perdoados por intermédio de um homem? No batismo está, sem dúvida, a remissão de todos os pecados. Que importa se é através da penitência ou do batismo que os sacerdotes reivindicam para si a concessão deste direito? Num e noutro caso é o mesmo ministério.

37. Porém tu dizes que no batismo opera a graça dos mistérios. — E o que é que age na penitência? Não é porventura o nome de Deus que opera? E então? Quando quereis, reivindicais para vós a graça de Deus, e quando quereis, vós a recusais?

Entretanto é próprio de insolente arrogância, não de santo temor, desdenhardes aqueles que querem fazer penitência. Evidentemente não podeis suportar as lágrimas dos que choram; vossos olhos não toleram a vileza das vestes, a sujeira dos maltrapilhos. Pois, de olhar arrogante e coração presunçoso, cada um de vós, “meus delicados” (cf. Br 4,26), dizeis com voz indignada: “Não queiras tocar-me (cf. Jo 20,17), porque sou puro”.

38. De fato, o Senhor disse a Maria Madalena: “Não queiras tocar-me” (Jo 20,17), mas não disse: “porque sou puro”, ele que era puro. Tu ousas, ó novaciano, dizer-te puro? Ainda que fosses puro pelas obras, somente por esta palavra te tornas impuro. Isaías diz: “Ó infeliz de mim, ferido de coração! Sou homem e tenho lábios impuros, habito também no meio de um povo que tem lábios impuros” (Is 6,5). E tu dizes: “Sou puro”, quando, conforme está escrito, não é pura “nem uma criança de um dia” (cf. Jo 14,4-5)? Davi diz: “E do meu delito purifica-me” (Sl 50,4), ele que, sobretudo por ser misericordioso, foi tantas vezes justificado pela graça do Senhor (cf. 1Sm 24,26; 2Sm 9; 19,18-30). E tu, serias puro, quando és tão injusto que não tens misericórdia e enxergas “a palha no olho do teu irmão”, porém não percebes “a trave que está em teu olho” (cf. Mt 7,3)? Com efeito é impuro diante do Senhor todo homem iníquo. O que pode ser mais injusto do que queres

que te sejam perdoados os teus pecados, quando tu mesmo julgas que não devem ser perdoados os daquele que te pede (cf. Mt 18,23-35)? O que pode ser mais injusto do que te considerares justo pela condenação do outro, quando tu mesmo cometes faltas mais graves (cf. Rm 2,1)?

39. Enfim, o Senhor Jesus, que havia de proclamar a remissão de nossos pecados, quando João lhe disse: “Eu é que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim” — respondeu-lhe: “Deixa estar agora, pois assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3,14-15). Na verdade, o Senhor, embora isento de pecado, veio ao pecador e quis ser batizado, ele que não tinha necessidade de ser purificado. Quem poderia tolerar-vos? Pois julgais que não tendes necessidade de purificar-vos pela penitência, porque dizeis que estais purificados pela graça, como se pecar fosse já impossível para vós...

9. 40. Contudo, dizem eles: Está escrito: “Se um homem pecar contra outro homem, rezarão a Deus por ele; se, porém, um homem pecar contra o Senhor, quem rezará por ele ”(1Rs 2,25)? — Primeiramente, como eu já disse acima, eu só poderia admitir esta tua objeção se fosse apenas para os apóstatas que não relaxasses a penitência. Porém, que problema pode trazer esta questão? Pois não está escrito: “Ninguém rezará por ele”, mas “Quem rezará”; isto é, não se exclui, mas pergunta-se quem será aquele que em tal circunstância poderá rezar.

41. Enfim encontras no salmo 14: “Senhor, quem habitará em tua tenda, ou quem repousará em teu lugar santo” (v. 1)? Com efeito, não diz que não habitará homem algum, mas o homem provado, nem significa que ninguém repousará, mas que repousará o eleito. Para que saibas que isto é verdade, não muito depois o salmo 23 diz: “Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem permanecerá no seu lugar santo” (Sl 23,3)? Isto é, não é qualquer pessoa da multidão, nem algum plebeu insignificante, mas alguém de vida notável e mérito singular. E para que saibas que, quando se diz “quem”, não se deve entender “ninguém”, mas significa “alguém” — depois de ter dito “Quem subirá ao monte do Senhor”, o salmo acrescenta: “O inocente de mãos e de coração puro, aquele que não recebeu sua alma em vão” (v. 4). E em outro lugar: “Quem é sábio e poderá entender estas coisas” (Os 14,10)? Será que está dizendo que ninguém pode entender? E no Evangelho: “Quem é o administrador fiel e prudente que o Senhor constituiu sobre sua família, para que lhes dê no tempo certo a medida de trigo” (Lc 12,42)? E para compreenderes que fala daquele que realmente existe, não do que não existe, ele acrescentou: “Feliz aquele servo que o Senhor, ao voltar, encontrar agindo assim” (Lc 12,43). E eu entendo da mesma forma a palavra que diz: “Deus, quem é semelhante a ti (Sl 82,2)? Certamente não significa ninguém, porque o Filho é a imagem do Pai” (cf. 2Cor 4,4; Cl 1,15).

42. Por conseguinte, deve-se entender da mesma forma: “Quem rezará por ele?”, isto é: “É alguém de vida notável que deve rezar por aquele que pecou contra o Senhor. Quanto maior for a culpa, maiores sufrágios devem ser procurados. Com efeito, não foi qualquer da multidão, mas foi Moisés que rogou em favor do povo judeu, quando adoraram a cabeça de um bezerro, esquecidos da fé (cf. Ex 32). Será que Moisés estava errado? Mas é claro que não errou, pois aquilo que pediu, ele mereceu e alcançou. De fato, o que não conseguiria tal dedicação, quando ele se apresentou em favor do povo dizendo: “E agora, se lhes perdoas este pecado, perdoa; caso contrário, risca-me do livro da vida” (Ex 32,32)? Tu vês que ele não ficava hesitando, como um intercessor cauteloso e enfasiado, para não cometer uma ofensa — coisa que o novaciano diz temer; muito pelo contrário, pensando em todos e esquecido de si mesmo, ele próprio não tinha medo de ofender, contanto, que pudesse arrancar e libertar o povo do perigo da ofensa.

43. É, pois, com razão que está escrito: “Quem rezará por ele?” Isto é, alguém como Moisés, que se ofereça pelos pecadores; alguém como Jeremias, profeta a quem o Senhor nosso Deus disse: “Não queiras orar por este povo (Jr 7,16)” — e que no entanto orou e conseguiu o perdão. Comovido finalmente pela intercessão e pelas súplicas deste grande profeta, o Senhor se dirige a Jerusalém,

ordenando-lhe depor as vestes de ouro e cessar os gemidos de penitência, porque ela também fizera penitência por seus delitos, dizendo: “Senhor onipotente, Deus de Israel, minha alma angustiada e meu espírito atormentado clamam a ti; ouve, Senhor, e tem piedade” (Br 3,1). Com efeito, assim está escrito no final do livro: “Despoja-te, Jerusalém, de tua vestimenta de luto e sofrimento e veste a beleza desta glória que te foi dada por Deus para sempre” (Br 3,1).

10. 44. Portanto, são intercessores como estes que se devem procurar nos delitos maiores; pois se é qualquer pessoa do povo que reza, não é atendida.

45. Conclui-se, pois, que não poderia ter peso algum aquela vossa questão tirada da epístola de João, que diz: “Quem sabe que seu irmão cometeu um pecado que não leva à morte, pedirá, e Deus dará a vida àquele que não peca para a morte. Existe um pecado que leva à morte: não é por este que eu digo que se reze” (1Jo 5,16). Não era, com efeito, a Moisés e a Jeremias que ele falava, mas ao povo, que devia recorrer a outrem para interceder por seus pecados, contentando-se em rogar a Deus apenas por seus delitos mais leves; quanto ao perdão dos mais graves, deve considerar reservado às preces dos justos. De fato, como João poderia dizer que não deve rezar pelo delito mais grave, se ele leu que Moisés pediu e conseguiu, quando houve uma apostasia voluntária, se ele sabia que Jeremias também tinha pedido?

46. Como João poderia dizer que não se deve rezar pelo pecado que leva à morte? Pois ele mesmo escreveu no Apocalipse este mandamento ao anjo da Igreja de Pérgamo: “Tens aí pessoas que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balac a lançar uma pedra de tropeço aos filhos de Israel: comer carnes imoladas aos ídolos e prostituir-se; tens igualmente pessoas que seguem a doutrina dos nicolaítas. Faz penitência da mesma forma; caso contrário, eu venho a ti” (Ap 2,14-16). Vês que Deus exige penitência para prometer perdão? Finalmente ele diz também aí: “Quem tem ouvido, ouça o que o Espírito diz às igrejas: ao Vencedor eu lhe darei de comer o maná” (Ap 2,17).

47. Será que o mesmo João não sabia que Estêvão pediu pelos seus perseguidores que não podiam escutar o nome de Cristo (cf. At 7,56-57), quando dizia a respeito daqueles que o apedrejavam: “Senhor, não lhes imputes este pecado” (At 7,60)? O resultado desta prece nós o vemos no apóstolo Paulo. Com efeito, Paulo guardava as vestes dos que apedrejavam Estêvão (cf. At 7,58) e pouco depois, pela graça de Cristo, tornou-se apóstolo, ele que fora perseguidor.

11. 48. Portanto, já que o assunto é a epístola católica de João, vejamos se o que foi escrito pelo mesmo João no Evangelho concorda com a vossa interpretação. Com efeito, ele escreveu que o Senhor disse: “Deus amou tanto este mundo que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Portanto, se quiseres trazer de volta alguém que caiu na apostasia, tu o exortas a crer ou a não crer? Certamente a crer. Mas quem crê, de acordo com a palavra do Senhor, terá a vida eterna. Como, pois, estás proibido de rezar por aquele que tem direito à vida eterna? Pois a fé é um dom da divina graça conforme ensina o Apóstolo a respeito da “diversidade dos carismas” (cf. 1Cor 12,4): a um é dada, “no mesmo Espírito, a fé” (cf. 1Cor 12,9). E os discípulos dizem ao Senhor: “Aumenta-nos a fé” (Lc 17,5). Portanto aquele que tem fé, tem a vida; aquele que tem a vida certamente não está excluído do perdão: “Todo aquele que nele crê não morre”, diz João (Jo 3,16). Visto que se diz “todo”, ninguém é excluído, sem nenhuma exceção. Logo ele não faz exceção daquele que caiu na apostasia, se em seguida crê de verdade.

49. Ficamos sabendo que muitos se armaram depois da queda e sofreram pelo nome de Deus. Não podemos negar o consórcio dos mártires àqueles a quem o Senhor Jesus não negou. Teremos, então, a ousadia de dizer que não foi restituída a vida àqueles a quem Cristo restituiu a coroa? Portanto, assim como depois da queda a muitos é restituída a coroa, se são martirizados, assim também, se crêem, lhes é restituída a fé. Esta fé é um dom de Deus, como está escrito: “Porque vos foi dado por

Deus, não só para que creias nele, mas para que também possais sofrer por ele” (Fl1,28-29). Acaso aquele que tem o dom de Deus, pode não ter a sua indulgência?

50. Por outro lado, não é uma só graça, são duas, que todo aquele que crê também sofra pelo Senhor Jesus. Assim, aquele que crê tem a sua graça, mas recebe outra graça se a sua fé recebe a coroa dos sofrimentos. De fato, nem Pedro esteve privado da graça antes que sofresse, mas, ao sofrer, alcançou outra graça. E muitos que não tiveram a graça de sofrer por Jesus, tiveram contudo a graça de crer em Jesus.

51. Por isso se diz: “Para que todo aquele que nele crê não pereça” (Jo 3,16). Diz “todo”, isto é, seja qual for sua situação, ou a queda que tenha sofrido, se acreditar, não precisa ter medo de morrer. Pode, pois, acontecer que alguém desça de Jerusalém a Jericó, isto é, caia no combate do martírio para o desejo desta vida e o prazer mundano. Pode acontecer que seja ferido por ladrões, isto é, por perseguidores, e deixado semivivo (cf. Lc 10,30). Pode acontecer que o encontre aquele samaritano do evangelho (cf. Lc 10,33), que é o guarda de nossas almas (cf. 1Pd 2,25), — pois samaritano quer dizer guarda, — e não o ignore, mas cuide dele e o cure.

52. Talvez por isso não o tenha ignorado, por ter enxergado nele uma centelha de vida, de onde poderia começar de novo. Acaso não vos parece que aquele que caiu está semivivo, se sua fé exala uma centelha de vida? De fato, quem arranca Deus completamente de seu coração está morto. Portanto quem não o arranca completamente, mas o negou por um tempo, coagido pelos tormentos, está semivivo. Por outro lado, se está morto, por que dizer que deve fazer penitência a quem não pode mais ser curado? Se está semivivo, derrama-lhe óleo e não o vinho sem óleo; derrama algo que alivie e também machuque (cf. Lc 10,34). Leva-o no teu jumento, entrega-o ao dono da hospedaria, desembolsa dois asses para seu cuidado, sê o próximo dele. Contudo não podes ser o próximo se não usas de misericórdia (cf. Lc 10,34-37); ninguém, pois, pode ser chamado de próximo, a não ser aquele que cuida, não o que mata. Então, se queres ser chamado de próximo, Cristo te diz: “Vai e faze o mesmo” (Lc 10,37).

12. 53. Consideremos outro texto semelhante: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; aquele, porém, que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele” (Jo 3,36). Aquilo que permanece, de alguma forma já começou, e começou a partir de algum delito, porque anteriormente tal pessoa não acreditou. Portanto quando alguém vem a crer, a ira de Deus se afasta e a vida lhe sobrevém. Assim, crer em Cristo é lucrar a vida; pois “aquele que nele crê não é julgado” (Jo 3,18).

54. Mas neste ponto eles replicam que aquele que crê em Cristo deve guardar sua palavra. Afirmam, com efeito, que assim está escrito quando o Senhor diz: “Eu, a luz, vim a este mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas; e se alguém ouvir minha palavra e a guardar, eu não o julgo” (Jo 12,46-47). Ele não julga, e tu julgas? Ele diz: “Para que aquele que crê em mim não permaneça nas trevas”, isto é: embora tivesse estado nas trevas, que não permaneça nelas, que se emende do seu erro, que se corrija da culpa, que guarde os seus mandamentos. Pois eu disse: “Não quero a morte do pecador, mas a sua conversão” (cf. Ez 18,23; 33,11). Assim falei porque “quem crê em mim não é julgado” (Jo 3,18). E sustento esta palavra; “pois eu não vim para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por mim” (cf. Jo 3,17). Esqueço com prazer, perdô prontamente, “quero mais a misericórdia do que o sacrifício” (Os 6,6), porque pelo sacrifício o justo é louvado, pela misericórdia o pecador é redimido. “Não vim chamar os justos, mas os pecadores” (Mt 9,13). Na lei está o sacrifício, no evangelho a misericórdia; “a lei foi dada por Moisés”, por mim a graça (cf. Jo 1,17). O que pode ser mais claro do que isto?

55. Finalmente ele diz mais abaixo: “Aquele que me despreza e não recebe minhas palavras, tem

quem o julgue” (Jo 12,48). Acaso te parece aceitar as palavras de Cristo aquele que não se corrige? Certamente não. Portanto, quem se corrige, aceita sua palavra; e é esta a sua palavra: que cada um se afaste de sua culpa (cf. Mt 4,17; etc.). Por conseguinte, é necessário ou que invalide esta sua palavra, ou — se não a podes negar — que concordes com ela.

56. É preciso que também aquele que deixa de pecar e renuncia aos delitos guarde os mandamentos do Senhor. Não deves, portanto, aplicar esta palavra àquele que sempre os guardou; de fato, se ele quisesse dizer isto, acrescentaria “sempre”; porém, como não acrescentou, referiu-se àquele que guarda a palavra que ouviu. Ora, ouviu que deveria corrigir-se do erro. Guardou, portanto, aquilo que ouviu.

57. Quão duro é, na verdade, ser destinado ao castigo eterno aquele que, mesmo depois de ter caído, guardou os mandamentos do Senhor! Ensine-te ele mesmo, que não negou o perdão nem para os que não guardaram seus mandamentos, como podes ler no texto dos salmos: “Se profanarem meus estatutos e não guardarem meus mandamentos, eu visitarei suas iniquidades com uma vara e seus delitos com flagelos, mas não afastarei deles a minha misericórdia” (Sl 88,32-34). Portanto, a todos ele promete misericórdia.

58. Mas não penses que esta misericórdia seja sem julgamento; existe uma distinção entre aqueles que observaram perpétua obediência aos mandamentos celestes, e aqueles que caíram um dia por erro ou por coação. E para não pensares que o nosso argumento limita a autoridade de Cristo, escuta o que ele diz: “Se o servo, ciente da vontade de Deus, não a cumpriu, receberá muitos açoites; porém, se não a conheceu, receberá poucos açoites” (cf. Lc 12,47-48). Portanto, se crêem, um e outro são acolhidos, porque “Deus castiga todo filho que acolhe” (Hb 12,6; Pr 3,12). E quem ele castiga, certamente não será entregue à morte, porque está escrito: “Castigou-me, castigou-me o Senhor, e não me entregou à morte” (Sl 117,18).

13. 59. Enfim, Paulo ensina que não se devem abandonar os que cometeram um pecado que leva à morte, mas pelo contrário devem ser corrigidos pelo pão das lágrimas e pelo cálice da aflição (cf. Sl 79,6) — de tal modo, porém, que a própria tristeza tenha um limite — isto é: “E lhes darás o cálice das lágrimas na justa medida” (cf. Sl 79,6); assim sendo, a própria aflição deve ter uma medida, para que quem faz penitência não venha a ser consumido por uma tristeza excessiva. Por isso escreve aos coríntios: “O que quereis? Que eu venha a vós com uma vara ou na caridade e no espírito de mansidão” (1Cor 4,21)? Mas nem a vara é pesada, pois ele tinha lido: “Tu, porém, lhe baterás com uma vara, mas livrarás a sua alma da morte” (Pr 23,14).

60. O que significava “vir com uma vara” fica claro nas invectivas contra a fornicção (cf. 1Cor 5,1a), na acusação de incesto (cf. 1Cor 5,1b), na censura ao orgulho, pois estavam cheios de si aqueles que mais precisavam chorar (cf. 1Cor 5,2); por último, fica claro na condenação do culpado, que deveria ser afastado do consórcio da comunhão e entregue ao adversário, não para perda da alma, mas da carne (cf. 1Cor 5,5). Assim como, pois, o Senhor não concedeu poder sobre a alma do santo Jó, mas deu licença sobre sua carne (cf. Jó 2,6) assim também este homem é entregue a satanás para a perda da carne, para que a serpente lambesse a sua terra e não prejudicasse a sua alma (cf. Is 65,25).

61. Que nossa carne morra, pois, para os desejos, que seja prisioneira, seja súdita, não resista à lei de nosso espírito (cf. Rm 7,23), e sim morra, sujeita à boa servidão, como em Paulo, que castigava seu corpo para submetê-lo à servidão (cf. 1Cor 9,27): sua pregação se tornaria mais eficaz se a lei de sua carne estivesse coerente e concordasse com a lei de seu espírito (cf. Rm 8,5). Com efeito, a carne morre quando sua sabedoria se transforma em espírito, de modo que já não se compraz nas coisas da carne, e sim nas do espírito (cf. Rm 8,5). Oxalá eu veja enfraquecer a minha carne,

para que não seja mais arrastado como cativo na lei do pecado (cf. Rm 7,23), para que já não viva na carne, mas na fé de Cristo (cf. Gl 2,20)! É por causa disso que existe maior graça na fraqueza do corpo do que na saúde. Afinal nem a Paulo, a quem muito amou, quis o Senhor libertar de uma fraqueza da carne; quando ele lhe pediu para afastar de si esta fraqueza, respondeu-lhe: “Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força se torna perfeita” (2Cor 12,9). E Paulo se compraz em suas fraquezas, dizendo: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). Torna-se, pois, perfeita a força da alma por meio das fraquezas da carne.

62. Expusemos o pensamento de Paulo. Consideremos agora as palavras em si mesmas, a razão pela qual ele teria dito que entregaria o culpado “a satanás para a perda da carne”. É porque o nosso tentador é o diabo; ele costuma introduzir fraquezas em cada um de nossos membros e provocar doenças no corpo inteiro. Afinal ele abateu o santo Jó com uma ferida maligna dos pés à cabeça (cf. Jó 2,7), porque recebeu poder de causar a perda da carne, quando Deus disse: “Eis que o entrego a ti, preserva somente a sua alma” (Jó 2,6). O Apóstolo transcreveu isto com as mesmas palavras, dizendo que entregaria “tal homem a satanás para a perda da carne, para que o es-espírito seja salvo no dia de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Cor 5,5).

63. Grande poder, grande graça, que ordena ao diabo destruir-se a si mesmo! Pois ele se destrói quando, de fraco, faz mais forte o homem que procura derrubar pela tentação, porque, enquanto lhe enfraquece a carne, enche-lhe o espírito de vigor. Pois a enfermidade da carne afasta o pecado, ao passo que a volúpia da carne acende a culpa.

64. Portanto o diabo cai num logro: fere-se com sua própria mordida e arma contra si aquele que pensou debilitar. Foi assim que armou mais o santo Jó depois que o feriu. Este, coberto em todo o corpo por terríveis feridas, certamente sentiu a mordida do diabo, mas não lhe experimentou o veneno (cf. Jó 2,7-10). E por isso lhe foi dito muito bem: “Tu pegarás o dragão com o anzol, brincarás com ele como com uma ave, tu o prenderás como um menino prende um pássaro, porás a mão sobre ele” (Jó 40,20.24.27).

65. Estás vendo como Paulo zomba do diabo: enfia a mão em sua toca, como aquele menino do profeta (cf. Is 11,8), e a serpente não lhe causa dano algum; arranca-a do esconderijo; de seu veneno faz um antídoto espiritual, de forma que o veneno se torna remédio. É um veneno para a perda da carne, torna-se um remédio para a saúde do espírito; aquilo, pois, que prejudica o corpo, ajuda o espírito.

66. Portanto, que a serpente coma a minha terra, enfie o dente na minha carne, triture o meu corpo. Que o Senhor diga também a meu respeito: “E o entrego a ti, preserva apenas a sua alma” (Jó 2,6). Como é grande a força de Cristo! Ordena que cuide do homem até ao próprio diabo, que sempre quer causar dano. Portanto, tornemos propício para nós o Senhor Jesus. Quando Cristo ordena, até o próprio diabo se torna guardião de sua presa, mesmo contra a vontade obedece às ordens celestes e, embora rude, submete-se, contudo, a ordens mansas.

67. Mas por que estou elogiando sua submissão? Seja ele sempre mau, para que sempre bom seja Deus, que transforma a maldade dele em graça para nós. Ele quer causar dano, mas não pode, se Cristo se opõe. Ele fere a carne, mas preserva a alma. Devora a terra, mas salvaguarda o espírito. Enfim, está escrito: “Então os lobos e os cordeiros pastarão juntos, o leão e o boi comerão feno, mas a serpente comerá a terra como pão. E não causarão danos nem devastações no meu monte santo, diz o Senhor” (Is 65,25). De fato, é esta a sentença da serpente condenada: “A terra será teu alimento” (cf. Gn 3,14). Que terra? Certamente aquela da qual foi dito: “És terra e para a terra irás” (Gn 3,19).

14. 68. A terra que a serpente come, se o Senhor Jesus nos é propício é esta: que a alma sofra pela debilidade da carne, e não se deixe inflamar pelos vapores do corpo e pelo calor dos membros. “É

melhor casar-se do que abrasar-se” (1Cor 7,9). Pois existe uma chama que nos queima por dentro. Por conseguinte, não retenhamos este fogo no seio da mente e no recesso do peito, para que não queimemos as vestes do nosso íntimo e para que a chama voraz da paixão não consuma esta vestimenta exterior de nossa alma, o véu da carne (cf. Pr 6,27) — mas passemos através do fogo (cf. Is 43,2). E se alguém cai no incêndio do amor, que salte e passe adiante, que não retenha um desejo adúltero nas cadeias dos pensamentos; que não aparte para si mesmo nenhum nó com o laço de obstinada fantasia; que não esteja sempre atento à beleza de uma meretriz (cf. Prov 5,2; Eclo 25,28). Nem uma jovem levante os olhos para a face de um rapaz. Se ela olhou por acaso e já ficou presa, quanto mais presa ficará se olhar por curiosidade!

69. Ou então que nos ensine o costume: a mulher cobre a cabeça com véu, para que mesmo em público seja preservado seu pudor e sua face não apareça com facilidade diante do olhar de um jovem, resguardada pelo véu nupcial; desta forma, mesmo em encontros casuais, não se expõe a ferir nem a si mesma nem ao outro — se bem que, em ambos os casos, é ela quem sai ferida. Ora, se ela cobre a cabeça com um véu para não ser casualmente vista nem ver — pois quando se cobre a cabeça, esconde-se a face — tanto mais deve cobrir-se com a veste do pudor, para ter mesmo em público seu lugar secreto.

70. Mas, vá lá, escapou um olhar; que não se acenda, porém, o afeto. De fato, ver não é crime, mas convém cuidar para que não seja a origem de um crime. O olho carnal viu; que o pudor do espírito feche, porém, os olhos do coração. Temos um Senhor espiritual e indulgente. Disse o profeta: “Não quero que atentes para a beleza de mulher promíscua” (cf. Pr 5,2; Eclo 25,28). Por outro lado, disse o Senhor: “Se alguém olhou uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela em seu coração” (Mt 5,28). Não disse: “Se alguém olhou, cometeu adultério”, mas “Se alguém olhou para desejar”. Não culpou o olhar, mas questionou o sentimento. Contudo, é bom o pudor que costuma cobrir os próprios olhos do corpo, para que muitas vezes não enxerguemos nem aquilo que vemos. Com efeito, o pudor costuma ver só pela aparência o que se lhe apresenta; entretanto, sem a aplicação do espírito, até esse nosso olhar segundo a carne desvanece.

71. Assim, pois, nós vemos mais com o espírito do que com o corpo. Ainda que a carne tenha visto o fogo, não abriguemos no peito este fogo, isto é, no oculto da mente e no segredo do espírito. Não deixemos penetrar nos ossos este fogo, não preparemos laços para nós mesmos, não troquemos palavra alguma com esta espécie de pessoa de onde flameja o fogo do adultério. A conversa de uma moça é um laço para os jovens, as palavras de um jovem são correntes do amor.

72. Viu este fogo José, quando a mulher desejosa de adultério lhe falou (cf. Gn 39,7-12), quis seduzi-lo com a conversa, lançou os laços de seus lábios, mas não pôde prender o casto varão. Assim, pois, os laços da mulher foram desatados pela voz do pudor, pela palavra da se-riedade, pela rédea da prudência, pela guarda da fé, pela disciplina da castidade. A mulher impudica não conseguiu, pois, prendê-lo em suas redes; estendeu a mão e arrancou-lhe a veste, para armar-lhe um laço. As palavras de uma mulher imprudente são redes de desejos, sua mão é um laço de amor. Entretanto nem as redes nem o laço puderam prender a mente casta; sacudida a veste, o laço se desatou; visto que não abrigou o fogo no seio de sua mente (cf. Pr 6,27), seu corpo não ardeu.

73. Tu vês, portanto, como o nosso espírito é o responsável pela culpa? Desta forma a carne é inocente, mas muitas vezes ela é a serva do pecado. Portanto, que não te vença a concupiscência da beleza. O diabo arma muitas redes, muitos laços. O olhar da prostituta é um laço para o amante, nossos próprios olhos são redes para nós; é por isso que está escrito: “E que não sejas preso pelos teus olhos” (Pr 6,25). Assim sendo, as redes pelas quais somos envolvidos e amarrados, nós mesmos as estendemos. Nós mesmos tecemos cadeias para nós, como lemos: “cada qual é preso pelas

cadeias de seus pecados” (Pr 5,22).

74. Atravessemos, pois, o fogo da adolescência e o ardor da idade juvenil. Atravessemos a água, não permaneçamos na água, para que não nos submerjam os rios profundos (Is 43,2). Atravessemos, para que também nós possamos dizer: “Nossa alma atravessou a torrente” (Sl 123-5); pois aquele que atravessou está salvo. Finalmente assim afirma o Senhor: “Se passas pela água, estou contigo, os rios não te submergem” (Is 43,2); e o profeta diz: “Eu vi o ímpio elevado muito acima dos cedros do Líbano, atravessei e eis que ele não estava lá” (Sl 36,35-36). Atravessa as coisas do mundo e verás cair toda a glória dos ímpios. Moisés também, atravessando os rios do mundo, viu uma grande visão e afirma: “Atravessando, verei esta visão” (Ex 3,3); com efeito, se ele tivesse permanecido nos vícios do corpo e nos prazeres las-civos deste mundo, não teria contemplado tão grandes mistérios.

75. Atravessemos, portanto, nós também este fogo da paixão, que Paulo temia, mas temia por nós, pois, castigando seu corpo, conseguira já não temer por si (1Cor 6,18). “Fugi da fornicção” (1Cor 9,27), nos diz ele. Fugamos, então, como se ela nos perseguisse, porque ela não está atrás de nós, mas persegue-nos dentro de nós mesmos. Cuidemos, pois, diligentemente de não levá-la conosco enquanto fugimos dela. Pois muitas vezes queremos fugir, mas se não a arrancarmos completamente de nosso espírito, carregamo-la mais do que a deixamos. Saltemos, então, por cima dela, para que não nos diga: “Andai no fogo de vossa chama, que acendestes para vós” (cf. Is 50,11). Porque assim como acontece que quem “abriga um fogo em seu peito queima suas vestes” (cf. Pr 6,27), assim também aquele que caminha sobre o fogo fatalmente queimará os pés, pois está escrito: “Poderá alguém andar sobre carvões do fogo e não queimar os pés” (Pr 6,28)?

76. É um fogo poderoso; não lhe demos, portanto, alimentos de luxúria. A paixão alimenta-se de banquetes, nutre-se de volúpias, acende-se com vinho, inflama-se com a embriaguez. Mais poderosos do que estes são os alimentos das palavras, que embriagam a mente com vinho da vinha de Sodoma (cf. Gn 19,30-38). Mas acau-telemo-nos também contra a abundância deste vinho com que a carne se embriaga, a mente titubeia, o espírito vacila, o coração flutua. Assim, em ambos os casos é útil o preceito dado a Timóteo: “Usa o vinho com moderação, por causa de tuas freqüentes enfermidades” (1Tm 5,23). Quando o corpo está quente, irradia um calor; quando a carne sente frio por causa de uma doença, a tua alma se refresca. Quando teu corpo sofre, teu espírito fica triste, mas a tua tristeza se transformará em alegria (cf. Jo 16,20).

77. Portanto, não tenhas medo se a tua carne é mastigada: tua alma não é devorada. Por isso Davi diz que não tem medo, porque os inimigos comiam a sua carne, não a sua alma, como lemos: “Enquanto se aproximavam de mim os malfeitores para devorar as minhas carnes, meus inimigos que me causam tribulações, eles mesmos se enfraqueceram e caíram” (Sl 26,2). Portanto, a serpente causa a ruína unicamente para si mesma. Por isso é entregue à serpente aquele que foi expulso pela serpente, para que ela levante aquele que derrubou, e a queda da serpente se torne a ressurreição do homem. A Escritura, por outro lado, apresenta satanás como autor da destruição deste corpo e da fraqueza da carne, quando Paulo diz: “Para mim foi dado um espinho em minha carne, um anjo de satanás para me golpear, para que não me vanglorie” (2Cor 12,7). Assim, pois, Paulo aprendeu a curar do mesmo modo que foi curado.

15. 78. Desta forma o bom doutor, ao prometer uma entre duas coisas, fez as duas. Veio “com a vara” (cf. 1Cor 4,21), porque afastou o culpado da santa comunhão — e se diz com razão que é entregue a satanás (cf. 1Cor 5,5) aquele que se separa do corpo de Cristo. Veio igualmente “na caridade e no espírito de mansidão” (cf. 1Cor 4,21), ou porque entregou o culpado para salvar o seu espírito (cf. 1Cor 5,5), ou porque readmitiu em seguida aos sacramentos aquele que antes afastara (cf. 2Cor 2,10).

79. Com efeito, convém que seja afastado quem caiu em falta grave, para que “um pouco de fermento” não corrompa “toda a massa” (cf. 1Cor 5,6). Por outro lado, é preciso purificar o velho fermento (cf. 1Cor 5,7), quer seja o homem velho em cada um de nós, isto é, o homem exterior com seus atos, quer seja o homem inveterado no meio do povo, carregado de pecados e vícios. E ele disse bem que deve ser purificado, não rejeitado. De fato, aquilo que é purificado não é considerado completamente inútil — é purificado para separar-se o útil do inútil, — mas aquilo que é rejeitado, acredita-se que nada tenha em si de aproveitável.

80. Portanto, em vista disso, o Apóstolo julgou que devia readmitir o pecador aos sacramentos, se ele próprio quisesse ser purificado. E é com propriedade que diz “purificai”. Com efeito, o pecador é como que purificado por certas obras de todo o povo e como que lavado pelas lágrimas da multidão; pelas preces e pelo pranto da multidão ele é redimido do seu pecado e purificado no seu homem interior. Pois Cristo concedeu à sua Igreja resgatar um só por meio de todos, visto que ela mereceu pela vinda do Senhor Jesus que por meio de um só todos fossem resgatados.

81. É este o sentido do que diz Paulo, embora as palavras o tornem meio obscuro.

Consideremos o próprio texto do Apóstolo: “Expur-gai, diz ele, o velho fermento, para serdes uma nova mas-sa, assim como sois ázimos” (1Cor 5,7). Quer dizer que toda a Igreja carrega o fardo do pecador, compassiva com ele no pranto, na oração e no sofrimento. É como se ela toda se aspergisse com o fermento dele, de modo que os excessos do penitente sejam purificados por todos, por assim dizer, como que numa mistura coletiva de misericórdia viril e compaixão. Pode também ser entendido como o ensinamento daquela mulher do evangelho, que representa a figura da Igreja, no fato de esconder o fermento em sua farinha, até que toda a massa seja fermentada (cf. Lc 13,21), para que tudo seja assim assumido puro.

82. Ensinou-me o Senhor no Evangelho o que é o fermento, ao dizer: “Não entendeis que não foi de pão que eu falei: Acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus? Então, diz o evangelista, entenderam que ele não falou de pães, mas de acautelarem-se da doutrina dos fariseus e dos saduceus” (Mt 16,11-12). Portanto, é este o fermento: a doutrina dos fariseus e as controvérsias dos saduceus, que a Igreja escondeu em sua farinha, quando atenuou a letra mais dura da lei por uma interpretação espiritual, quebrando-a, por assim dizer, como que por meio da mó de sua própria argumentação; de certa forma, fez surgir do invólucro das letras os segredos ocultos dos seus mistérios e edificou a fé na ressurreição, pela qual se prega a misericórdia de Deus e se crê que é restaurada a vida dos mortos.

83. Não parece, pois, absurdo para o texto em questão o recurso a esta parábola, pois que o Reino dos céus é a redenção do pecador. Por isso, que todos nós, bons e maus, sejamos aspergidos pela farinha da Igreja, para sermos todos uma nova massa. E para que ninguém tivesse medo de que a mistura de um fermento estragado pudesse corromper a massa, assim disse o Apóstolo: “Para serdes uma nova massa, assim como sois ázimos (1Cor 5,7)”. Isto é: a massa vos tornará tais como era a pura sinceridade da vossa inocência. Assim, se temos misericórdia, não ficamos manchados pelo pecado do outro, mas conseguimos a sua redenção para nossa graça, de modo que nossa pureza continue como era. Foi por isso que ele acrescentou: “Pois Cristo, nossa páscoa, foi imolado” (1Cor 5,7). Quer dizer: a paixão do Senhor aproveitou a todos e concedeu a redenção aos pecadores arrependidos das infâmias cometidas.

84. “Celebramos, pois, a festa” (1Cor 5,8) com o bom alimento, fazendo penitência, alegres com a redenção; de fato, nenhum alimento é mais doce do que a benevolência e a piedade. Aos nossos banquetes e à nossa alegria não se misture inveja alguma por causa do pecador redimido, para que ninguém por si mesmo se exclua da casa do Pai, como aquele irmão invejoso de que fala o

evangelho, que se entristeceu com o acolhimento do outro irmão, porque lhe agradava que ele estivesse excluído para sempre (cf. Lc 15,25-32).

85. E vós, ó novacianos, não podeis negar que sois semelhantes a este irmão, pois, como dizeis, não vos juntais à Igreja, por ter sido dada aos que caíram na apostasia a esperança de voltar, por meio da penitência. Mas isso não passa de pretexto. Na verdade, inflamado pela dor de perder o episcopado, Novaciano provocou o cisma.

86. Contudo não entendeis que foi também a vosso respeito que profetizou o Apóstolo? É para vós que ele fala: “E vós estais tão cheios de orgulho, que não mais vos cobristes de luto, para que seja tirado do meio de vós quem fez esta ação” (1Cor 5,2). É exatamente neste momento que ele é completamente tirado: quando seu pecado é apagado. Pois o Apóstolo não diz que deva ser expulso pela Igreja, mas aconselha que deve ser purificado.

16. 87. Portanto, se o Apóstolo remiu o pecado (cf. 2Cor 2,10), com que autoridade vós lhe negais a remissão? Quem é mais respeitoso para com Cristo, Novaciano ou Paulo? Mas Paulo conhecera um Senhor misericordioso, conhecera o Senhor Jesus mais irritado com a severidade dos discípulos do que com a misericórdia.

88. Afinal, quando Tiago e João disseram que iam pedir fogo do céu para consumir aqueles que não queriam receber o Senhor (cf. Lc 53-54), Jesus os refutou, dizendo: “Não sabeis de que espírito sois; pois o Filho do homem não veio para perder as almas dos homens, mas para salvá-las” (Lc 9,55-56). E com razão lhe disse: “Não sabeis de que espírito sois”, porque eram de seu próprio espírito. Quanto a vós, ele diz: “Não sois do meu espírito, pois que não tendes minha clemência, recusais minha misericórdia, rejeitais a penitência que eu desejei que meus apóstolos pregassem em meu nome (cf. Lc 24,47).

89. Assim, dizeis em vão que pregais a penitência, porque abolis “o fruto da penitência”. Pois os homens são incentivados a algum esforço ou pelas recompensas ou pelos frutos, do contrário qualquer esforço arrefece pela demora. Por isso o Senhor, para aumentar a dedicação dos discípulos com fruto no tempo presente, disse que quem deixasse todos os seus bens para seguir ao Senhor, receberia “sete vezes mais”, tanto aqui como na vida futura (cf. Mt 19,29). Prometeu primeiro “aqui”, para tirar o fastio da demora; acrescentou “na vida futura” para aprenderes aqui a acreditar que no futuro também deverás receber as recompensas. Assim, a recompensa no presente é penhor da vida futura.

90. Portanto, se uma pessoa tiver crimes ocultos, mas por amor de Cristo fizer penitência com zelo, como poderá receber aqui a recompensa, se não lhe for restituída a comunhão? Eu quero que o culpado espere o perdão, que o implore com lágrimas, que o implore com gemidos, que o implore com o pranto de todo o povo, que suplique o perdão. E quando pela segunda, pela terceira vez for adiada a sua comunhão, creia que suplicou com frouxidão e aumente o pranto; que volte depois mais humilhado, que abrace os pés do Senhor, cubra-os de beijos, lave-os com lágrimas e não os solte (cf. Lc 7,38), para que Jesus diga a seu respeito: “Seus numerosos pecados lhe são perdoados, porque muito amou” (Lc 7,47).

91. Eu soube que certas pessoas em penitência sulcaram o rosto de lágrimas, dilaceraram as faces em contínuo pranto; deitaram seu corpo por terra para ser calcado por todos; com a boca sempre em jejum e sem cor mostraram em seu corpo vivo uma aparência de morte.

17. 92. O que mais esperamos, para que os mortos mereçam perdão? Pois eles, mesmo vivos, trouxeram a si a morte. “Basta para tal pessoa, diz o Apóstolo, a censura infligida pela maioria; assim, pelo contrário, é melhor que lhe perdoeis e o consoleis, para que não seja talvez consumido por uma tristeza excessiva” (2Cor 2,6-7). Se basta para a condenação “a censura infligida pela

maioria”, também basta para a remissão do pecado a súplica “feita pela maioria”. O Mestre espiritual, consciente de nossa fragilidade e intérprete da piedade divina, quer que o pecado seja perdoado, quer que seja oferecida a consolação, para que a tristeza não consuma o penitente no tédio de uma longa demora.

93. Foi por isso que o Apóstolo perdoou, e não perdoou apenas, mas quis também que fosse confirmada a caridade para com o penitente (cf. 2Cor 2,8). Quem é amado, não tem dureza, mas mansidão. Não só ele próprio perdoou, mas quis também que todos perdoassem e disse que ele mesmo perdoara por causa dos outros, para que muitos não ficassem por muito tempo contristados por causa de um só: “Se perdoastes a alguém, diz ele, também eu perdô; de fato também eu por causa de vós perdô na pessoa de Cristo, para que não sejamos iludidos” por satanás; pois não ignoramos suas astúcias (2Cor 2,10-11). É capaz de acautelar-se devidamente contra a serpente quem pode reconhecer suas astúcias, que são inúmeras para nos prejudicar. Ela quer sempre prejudicar, sempre enganar, para levar à morte. Porém devemos tomar cuidado para que nosso remédio não se torne o seu triunfo; com efeito, nós somos enganados por ela, se por causa de uma tristeza excessiva vem a perecer aquele que pode ser salvo pela indulgência.

94. E para sabermos que o Apóstolo fala de batizado, ele acrescentou: “Eu vos escrevi em minhas cartas que não tivésseis relações com os fornicadores, não falo certamente dos fornicadores deste mundo” (1Cor 5,9-10). E abaixo ajuntou: “Agora, porém, eu vos escrevi para que não vos associeis com alguém que tenha o nome de irmão e seja fornicador, avarento ou idólatra” (1Cor 5,11). Aqueles que simultaneamente submeteu ao castigo, quis também que simultaneamente alcançassem o perdão. “Se alguém é assim, diz, nem tomes a refeição com ele” (cf. 1Cor 5,11). Quão severo é ele para com os contumazes, quão indulgente para com os suplicantes! Contra aqueles se arma a ofensa feita a Cristo; a estes favorece a invocação de Cristo.

95. Contudo, alguém talvez fique perturbado porque está escrito: “Entreguei tal homem a satanás para a perda da carne” (cf. 1Cor 5,5), e diga: “Como pôde obter o perdão, se toda a sua carne morreu? Pois é evidente que em ambas, carne e alma, é redimido o homem, em ambas é salvo, e não a alma sem a carne, nem a carne sem a alma; se carne e alma participam juntas das obras e feitos, como podem estar separadas para o castigo ou para o prêmio?” Que tal pessoa obtenha, então, esta resposta: a perda não significa a destruição total da carne, mas castigo. Pois assim como quem está morto para o pecado vive para Deus (cf. Rm 6,10), assim também morrem as seduções da carne; morre a carne para os seus desejos, para reviver para a castidade e para as outras boas obras. 96. Que melhor exemplo podemos receber do que o de nossa mãe terra? De fato, a própria terra da qual fomos tirados, no intervalo do trabalho e do cultivo parece deserta; ela morre nas vinhas e olivais plantados no campo. Contudo ela não perde sua própria seiva, que é como que sua alma. Finalmente, quando se repete o seu cultivo e se lhe confiam as sementes para as quais está preparada, ela ressurgue mais fecunda em seus frutos. Portanto não é estranho dizer que igualmente a nossa carne perece assim, para que se creia que ela é castigada, mais do que aniquilada.

II LIVRO

1. 1. Embora tenham sido escritas no livro anterior muitas coisas úteis para exortar à penitência, podem, ainda, acrescentar-se muitas outras. Assim, para que não pareçamos deixar pelo meio o banquete de nossas palavras, continuemos a refeição começada.

2. De fato, a penitência deve ser feita não só com solicitude, mas também com prontidão. Não aconteça que aquele pai de família do Evangelho que plantou uma figueira em sua vinha venha procurar frutos nela e, não os encontrando, diga ao vinhateiro: “Corta-a; por que ela ainda ocupa a terra?” A menos que o vinhateiro intervenha dizendo: “Senhor: senhor, deixa-a este ano, até que eu cave ao redor dela e coloque um cesto de esterco”, se não der o menor resultado, a figueira será cortada (Lc 13,6-9).

3. Portanto, adubemos também nós este campo que possuímos, e imitemos os laboriosos agricultores que não se envergonham de saciar a terra de estrume fértil, nem de espalhar cinza impura no campo, para colher frutos mais abundantes.

4. E de que modo devemos adubar, ensina-nos o Apóstolo dizendo: “Considero tudo como esterco, para ganhar a Cristo” (cf. Fl 3,8). E ele “na má fama e na boa fama” (cf. 2Cor 6,8) conseguiu agradar a Cristo. Com efeito, ele tinha lido que Abraão, ao reconhecer que era esterco e cinza (cf. Gn 18,27), por sua extrema humildade, encontrou a graça de Deus (cf. Gn 18,28-32). Tinha lido que Jó, sentado no lixo (cf. Jó 2,8), recuperou tudo o que perdera (cf. Jó 42,10-12). Tinha lido que o Deus “da terra levanta o indigente e do esterco ergue o pobre” (cf. Sl 112,7), como profetizara Davi.

5. Portanto, também nós, não nos envergonhemos de confessar ao Senhor nossos pecados. Cada um tem vergonha de confessar seus próprios crimes, mas esta vergonha ara o seu campo, arranca os espinheiros renitentes, corta os espinhos, queima em sacrifício frutos que tu acreditavas quase mortos. Segue aquele que, sabendo arar o seu campo, obteve frutos eternos: “Somos amaldiçoados, diz ele, e bendizemos, sofremos perseguição e resistimos, somos ultrajados e suplicamos, tornamos-nos como lixo deste mundo” (1Cor 4,12-13). Se tu também arares assim, semearás coisas espirituais (cf. 1Cor 9,11). Ara, para arrancares o pecado e obteres o fruto. Paulo arou para erradicar de si mesmo o sentimento de perseguidor. Que mais poderia Cristo oferecer-nos como incentivo à correção, do que converter e dar-nos um doutor que antes nos perseguia?

2. 6. Embora os novacianos sejam refutados com tanta evidência pelo exemplo do próprio Apóstolo e de seus escritos, querem contudo resistir ainda. Afirmam que a autoridade da palavra do Apóstolo os apóia, apresentando como prova a carta aos Hebreus: “De fato, aqueles que foram iluminados uma vez, que provaram o dom celeste, que foram feitos partícipes do Espírito Santo, que provaram a boa palavra de Deus e as virtudes do tempo futuro, se decaírem, é impossível que sejam renovados outra vez fazendo penitência, crucificando pela segunda vez o filho de Deus e triunfando em ostentação” (Hb 6,4-6).

7. Acaso Paulo poderia pregar contra a sua própria obra? Perdoou o pecado ao coríntio através da penitência; como então neste último trecho poderia estar refutando sua própria decisão? Ora, como não poderia destruir o que havia construído, concluímos que não dizia uma coisa contrária, mas diferente. Pois aquilo que é contrário opõe-se a si mesmo, aquilo que é diferente costuma ter outra explicação. Ora, tanto não são contrárias as afirmações, que favorece a outra. Na verdade, uma vez que ele pregou que se deve suspender a penitência, também não pôde calar-se acerca dos que julgam que se deve repetir o batismo. E convinha dispensar solicitude primeiro a nós, para sabermos que, se alguns ainda pecarem depois do batismo, seu pecado pode ser perdoado; desta forma, a frívola

proposta de repetir o batismo não seduzirá os que perderam a esperança do perdão. Em seguida foi preciso provar com argumentação convincente que não se deve repetir o batismo.

8. Ora, que era do batismo que ele falava suas próprias palavras o declaram; quis dizer com elas ser impossível que “os decaídos sejam renovados fazendo penitência”. De fato, é pelo batismo que somos renovados; por ele renascemos, como o próprio Paulo diz: “Fomos sepultados juntamente com ele na morte pelo batismo, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós andemos em novidade de vida” (Rm 6,4). E em outro lugar: “Renovai-vos pela transformação espiritual de vossa mente e revesti-vos do homem novo, que foi criado segundo Deus” (Ef 4,23-24). Em outro lugar ainda: “Será renovada como águia a tua juventude” (Sl 102,5), porque a águia também, quando está morta, renasce de seus restos; da mesma forma, pelo sacramento do batismo, quando nós estamos mortos pelo pecado, renascemos para Deus e somos transformados. Portanto ele prescreve um só batismo, conforme diz em outro lugar: “Uma só fé, um só batismo” (Ef 4,5).

9. Também fica evidente que, naquele que é batizado, é crucificado o Filho de Deus, porque nossa carne não teria podido suprimir o pecado a não ser que tivesse sido crucificada em Cristo Jesus. Em seguida está escrito “que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados” (Rm 6,3). E abaixo: “Com efeito, se fomos semeados com ele à semelhança de sua morte, também o seremos à semelhança de sua ressurreição, sabendo que o nosso homem velho está pregado junto com ele na cruz” (Rm 6,5-6). E aos colossenses ele diz: “Sepultados com ele no batismo, no batismo também com ele ressuscitastes” (Cl 2,12). Isto foi escrito para que creiamos que ele próprio é crucificado em nós, a fim de que por ele sejam purificados os nossos pecados, e que ele próprio pregue na cruz o título de nossa dívida (cf. Cl 2,14), pois ele é o único que pode perdoar os delitos. É ele que em nós triunfa sobre os Principados e Potestades, porque está escrito a seu respeito: “Expôs em ostentação os Principados e Potestades, triunfando sobre eles em si mesmo” (Cl 2,15).

10. Portanto, aquilo que o Apóstolo diz nesta epístola escrita aos hebreus: “É impossível que os decaídos sejam renovados fazendo a penitência, crucificando novamente o Filho de Deus e triunfando em ostentação” — espera que o entendamos como uma palavra a respeito do batismo. É no batismo que crucificamos o Filho de Deus em nós, para que por meio dele o mundo seja crucificado para nós. Nós de certa forma triunfamos, quando tomamos a semelhança da morte daquele que em sua cruz “expôs em ostentação os Principados e Potestades”, triunfando sobre eles (cf. Cl 2,15); assim, na semelhança de sua morte, nós também triunfamos sobre os Principados, rejeitando o seu jugo. Ora, uma só vez foi Cristo crucificado, uma só vez “morreu pelo pecado” (cf. Rm 6,10); por isso há um só batismo, e não muitos.

11. Que mais diremos a respeito da doutrina dos batismos, que Paulo anunciou acima (cf. Hb 6,2)? Como havia muitos batismos na lei, com razão ele censura aqueles que abandonam a doutrina perfeita e procuram os rudimentos da Palavra (cf. Hb 5,12-6,1). Ensina-nos que é preciso saber que foram abolidos todos os batismos da lei, que existe um único batismo nos sacramentos da Igreja. Exorta-nos a buscar o que é perfeito, abandonando os rudimentos da Palavra. “E faremos isto, diz ele, se Deus nos permitir” (Hb 6,3). Pois ninguém pode ser perfeito sem o favor de Deus.

12. Eu poderia certamente dizer o mesmo a quem pensa que estas palavras se referem à penitência: aquilo que é impossível para o homem, é possível a Deus (cf. Mt 19,26). Deus é poderoso, quando quer, para perdoar nossos pecados, até aqueles que julgamos que não podem ser perdoados; por isso, o que nos parece impossível de obter, para Deus é possível conceder. Com efeito, parecia impossível que a água pudesse lavar o pecado. Por isso, o sírio Naamã não acreditou que a sua lepra pudesse ser purificada pela água (cf. 2Rs 5,11-12). Mas aquilo que era impossível, Deus tornou

possível, e concedeu-nos tão grande graça. Da mesma forma, parecia impossível que os pecados fossem perdoados por meio da penitência; Cristo concedeu isso a seus apóstolos, e os apóstolos o transmitiram às funções dos sacerdotes. Portanto foi feito possível aquilo que se julgava impossível. — Entretanto, é ao batismo que estas palavras se referem, e o Apóstolo argumenta com uma razão convincente, para ninguém repeti-lo.

3. 13. Com efeito, o Apóstolo não poderia contrariar a doutrina explícita de Cristo, que propôs a seguinte comparação (cf. Lc 15,11-24) acerca do pecador que faz penitência: “tendo partido para um país estrangeiro”, devorou todas as posses que recebera do pai, vivendo na luxúria; em seguida teve saudade dos pães da casa de seu pai, porque alimentava-se com vagens — e ganhou túnica, anel, calçado, até o sacrifício de um novilho, figura da paixão do Senhor, pela qual nos foi dado o sacramento celeste.

14. Bem se diz que “partiu para um país estrangeiro” (Lc 15,13), pois estava separado dos altares sagrados; significa que estava separado daquela Jerusalém que está no céu (cf. Hb 12,22; Gl 4,26), de certa forma pátria e morada dos santos. Daí dizer também o Apóstolo: “Portanto já não sois estrangeiros e peregrinos, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2,19).

15. “E dilapidou,” diz o evangelho, as suas posses (Lc 15,13). Bem se diz as “dilapidou”, pois sua fé claudicava nas obras. Com efeito, “a fé é a posse daquilo que se espera, o argumento das coisas que não se vêem” (Hb 11,1). E boa “posse” é a fé, pois nela está o patrimônio de nossa esperança.

16. Nem admira que estivesse morrendo de fome (cf. Lc 15,16-17) aquele que estava privado do divino alimento e que, compelido pelo desejo deste alimento, dissesse: “Eu me levantarei, irei a meu pai e lhe direi: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti” (Lc 15,18)”. Acaso não percebeis o que nos foi exposto com clareza: que é para merecer o sacramento que somos impelidos a implorar? Acaso quereis retirar a razão pela qual se faz penitência? Tira do piloto a esperança de chegar, e ficará vagando perdido no meio das ondas. Tira do lutador a coroa, e ficará quase parado no estádio. Tira do pescador a possibilidade da pesca e deixará de lançar as redes. Como, pois, pode suplicar a Deus com fervor aquele cuja alma sente fome, se perdeu a esperança do alimento sagrado?

17. “Eu pequei”, diz ele, “contra o céu e diante de ti” (Lc 15,21). Está sem dúvida confessando um pecado que leva à morte, para não nos julgardes no direito de excluir quem faz penitência, seja qual for o seu crime. Ora, este homem pecou contra o céu, contra o Reino dos céus ou contra a sua própria alma — e isto é um pecado que leva à morte; pecou também diante de Deus, o único a quem se diz: “Só contra ti eu pequei e fiz o mal diante de ti” (Sl 50,6).

18. Contudo ele recebe o perdão tão depressa que, voltando e estando “ainda longe”, corre-lhe o pai ao encontro e dá-lhe um “beijo” (cf. Lc 15,20), sinal da santa paz; manda “trazer-lhe uma túnica” (cf. Lc 15,22), que é a veste nupcial, sem a qual seria excluído do banquete das bodas (cf. Mt 22,11-13); coloca-lhe na mão um “anel” (cf. Lc 15,22), penhor da fé e selo do Espírito Santo; ordena que lhe tragam “calçados” (cf. Lc 15,22) — pois quem vai celebrar a páscoa do Senhor e comer o cordeiro, deve ter os pés protegidos contra todos os ataques das feras espirituais e contra as mordidas da serpente (cf. Ex 12,11); manda matar o “novilho” (cf. Lc 15,23), porque “Cristo, nossa páscoa, foi imolado” (1Cor 5,7). Em verdade, toda vez que tomamos o sangue do Senhor, anunciamos a morte do Senhor (cf. 1Cor 11,26). Portanto, assim como ele foi imolado uma só vez por todos, assim também toda vez que os pecados são perdoados, recebemos o sacramento do seu corpo, a fim de que pelo seu sangue se realize a remissão dos pecados.

19. Por conseguinte, na pregação do Senhor está com toda a clareza o mandado de restaurar a graça do sacramento celeste até para os culpados de crime gravíssimo, desde que façam penitência

deste pecado de todo o coração, confessando-o explicitamente. Donde se conclui que não restou nenhuma escusa para vós.

4. 20. Entretanto chegou-nos também a objeção que costumais fazer, quando dizeis que está escrito: “Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas o espírito de blasfêmia não será perdoado aos homens. E se alguém disser uma palavra contra o Filho do homem, isto lhe será perdoado; mas se alguém falar contra o Espírito Santo, isto não lhe será perdoado, nem neste século, nem no século futuro” (Mt 12,31-32). Esta citação destrói tudo que asseverais. De fato, está escrito: “Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens”. Por que então não perdoais? Por que teceis laços que não soltais? Por que dais nós que não afrouxais? Perdoai aos outros; pleiteai apenas contra aqueles que, de acordo com a autoridade do Evangelho, julgais eternamente condenados, por terem pecado contra o Espírito Santo.

21. Consideremos, por outro lado, também aqueles que o evangelho condena; retomemos as palavras que antecedem ao texto em questão, para os compreendermos com mais clareza. Diziam os judeus: “É somente em nome de Belzebu, príncipe dos demônios, que este homem expulsa demônios (Mt 12,24). Respondeu Jesus: “Todo reino dividido contra si mesmo será destruído, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não ficará de pé; se, pois, satanás expulsa satanás, está dividido contra si mesmo. Como então subsistirá seu reino? E se é em nome de Belzebu que eu expulso demônios, em nome de quem os expulsam vossos filhos” (Mt 12,25-27)?

22. Percebemos com clareza que isto foi dito a respeito daqueles que diziam que o Senhor Jesus expulsava demônios em nome de Belzebu; respondeu-lhes o Senhor que a herança de satanás estava neles, pois que igualavam o salvador de todos a satanás e faziam consistir a graça de Cristo no reino do diabo. E para percebermos que era desta blasfêmia que ele falava, acrescentou: “Raça de víboras, como podeis dizer coisas boas, se sois maus” (Mt 12,34)? Portanto é a estes, que assim falavam, que Jesus nega acesso ao perdão.

23. Finalmente diz Pedro a Simão, que, pervertido pelo exercício da magia, julgava poder comprar com dinheiro a graça de Cristo pela imposição da mão e a infusão do Espírito Santo: “Não tens parte nem sorte nesta fé, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Assim sendo, faze penitência por esta tua perversão e roga a Deus para que te seja talvez perdoada esta lembrança do teu coração: pois eu vejo que tu estás nos laços da iniquidade e na amargura do fel” (At 8,21-23). Tu vês que a este, que blasfemou contra o Espírito Santo” pela vaidade da magia, Pedro condena pela autoridade apostólica, — ainda mais que não tinha a consciência pura a para fé. E no entanto não lhe cortou a esperança do perdão, pois que o convidou à penitência.

24. É, portanto, uma resposta do Senhor à blasfêmia dos fariseus, e é por isso que ele lhes nega a graça do seu poder — a graça que está na remissão dos pecados — pois eles julgavam que o seu poder celeste era sustentado pelo apoio do diabo. Ele afirma também que aqueles que dividem a Igreja do Senhor fazem uso de um espírito diabólico, para abranger os heréticos e cismáticos de todos os tempos; nega-lhes indulgência, porque todo pecado envolve apenas o indivíduo, enquanto este agride a Igreja toda. Com efeito, são eles os únicos que querem anular a graça de Cristo, que dilaceraram os membros da Igreja, pela qual o Senhor Jesus padeceu e o Espírito Santo foi dado para nós.

25. Finalmente, para saberdes que ele fala a respeito dos que trazem a divisão, assim está escrito: “Quem não está comigo, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa” (Mt 12,30). E para sabermos que é a respeito deles que isto foi dito, imediatamente acrescentou: “Por isso vos digo: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas o espírito de blasfêmia não será perdoado aos homens” (Mt 12,31). Ao dizer: “Por isso vos digo”, não fica por acaso evidente que

foi dito, antes de mais nada, que desejou que entendêssemos? E acrescentou com razão: “A árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus” (Mt 7,17); de fato, uma comunidade má não pode produzir bom fruto. Assim, a árvore é a comunidade, os frutos da árvore boa são os filhos da Igreja.

26. Assim, pois, voltai à Igreja, vós que vos separastes dela por impiedade. Com efeito, ela oferece o perdão a todos os que se convertem, porque está escrito: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo” (Jl 2,32). Finalmente até mesmo o povo judeu, que dizia de Jesus: “Tem demônio” (cf. Jo 10,20); que dizia: “É em nome de Belzebu que ele expulsa os demônios” (cf. Mt 12,24); que crucificou o seu Senhor — até mesmo este povo é chamado ao batismo pela pregação de Pedro, para livrar-se do que merece por crime tão grande (cf. 2,14-40).

27. Mas o que há de espantoso em negardes salvação aos outros, se vós mesmos rejeitais a vossa? Aqueles que vos pedem penitência nada têm de diferente. Eu penso, com efeito, que até Judas poderia não ter sido excluído do perdão, se tivesse feito penitência, não perante os judeus, mas junto a Cristo, de tão grande que é a misericórdia do Senhor. “Pequei, disse ele, porque entreguei sangue justo” (Mt 27,4). Responderam-lhe: “Que nos importa? Tu és que deverias ter visto” (Mt 27,4). Que outra palavra tendes, quando o culpado, mesmo de pecado menor, vos confessa o que fez? Que outra resposta lhe dais, senão esta: “Que nos importa? Tu és que deverias ter visto” (cf. Mt 27,5). A esta fala segue a corda, castigo tanto mais cruel quando menor é a culpa.

28. Mas se estes não se convertem, voltai ao menos vós que, numa queda diferente, caístes do cume elevadíssimo da inocência e da fé. Temos “um Senhor bondoso”, que quer perdoar a todos, que te chamou através do profeta, dizendo-te: “Sou eu, sou eu, que destruo as tuas iniquidades e delas não mais me lembrarei. Tu, porém, lembra-te, e vamos a juízo” (Is 43,25-26).

5. 29. Os novacianos, contudo, propõem uma questão a respeito do apóstolo Pedro, pois ele disse “para que talvez não...” (cf. At 8,22), e julgam que Pedro não assegurou que o pecado seria perdoado a quem fizesse penitência. Considerem, entretanto, a respeito de quem ele falava, isto é, de Simão, que não acreditava com fé, mas cogitava uma trapaça. Finalmente, o próprio Senhor, quando alguém lhe disse: “Eu te seguirei”, como não visse nele sinceridade plena, lhe responde: “As raposas têm suas tocas” (cf. Mt 18,19-20). Portanto, se o Senhor impediu alguém de segui-lo antes do batismo, por ter percebido que era mal intencionado, tu te admiras se o apóstolo não absolveu quem prevaricara depois do batismo, deixando claro que ele ainda permanecia nos laços da iniquidade (cf. At 8,23)?

30. Que isto lhes sirva de resposta. Quanto a mim, nem digo que Pedro duvidou, nem julgo que uma causa tão importante deva ser estrangulada pela imprecisão de uma única palavra. Com efeito, se eles julgam que Pedro duvidou, porventura terá Deus igualmente duvidado, quando assim falou ao profeta Jeremias: “Põe-te no átrio da casa do Senhor; dirás a todo Judá, aos que vêm adorar na casa do Senhor, todas as palavras que eu te ordenei dizer-lhes; não omitas palavra alguma; talvez escutem e se convertam” (Jr 26,2-3)? Então que digam que até Deus desconhecia o que haveria de acontecer.

31. Ora, não é desconhecimento que se exprime nesta palavra, mas é que nas Sagradas Escrituras se observa com freqüência este modo de falar; é uma maneira de expressar-se com simplicidade. De fato, o Senhor diz igualmente a Ezequiel: “Filho do homem, eu te enviarei à casa de Israel, aos que me têm exasperado, eles próprios e seus pais, até o dia de hoje, — e tu lhes dirás: Assim diz o Senhor. Talvez escutem e se atemorizem” (Ez 2,3-5). Então Deus não sabia se eles podiam ou não podiam converter-se? Portanto, esta expressão nem sempre é de dúvida.

32. Finalmente, os próprios sábios deste mundo, que põem toda a sua glória na expressão verbal, nem sempre empregaram a palavra “forte” em latim e *tácsa* em grego para indicar dúvida. Lembram

que o maior de seus poetas assim disse: “*E tácsa csere*” que significa “Logo serei viúva”, e em outro lugar: “*Tácsa gar se katactanéousin Acsaiò pántes ephorméthéntes*”. Ora, ele não teria duvidado de que, se todos atacassem simultaneamente, uma única pessoa não viesse a ser abatida pela multidão.

33. Quanto a nós, porém, lancemos mão dos nossos próprios autores, de preferência aos estrangeiros. Afinal lê no Evangelho que o próprio Filho, referindo-se ao Pai, diz que o Pai assim falou, quando enviou servos à sua vinha e os mataram: “Enviarei meu filho muito amado, talvez o respeitem” (Lc 20,13). E em outra passagem o Filho pessoalmente diz: “Não conheceis nem a mim, nem a meu Pai; pois se me conhecêsseis a mim, talvez conheceríeis também a meu Pai” (Jo 8,19).

34. Portanto, se Pedro usou as mesmas palavras que Deus usou sem prejuízo do próprio saber, por que não admitimos também que Pedro tenha empregado esta expressão sem prejuízo de sua fé? E Pedro, realmente, não poderia ter dúvidas a respeito do dom de Cristo, que lhe concedera o poder de perdoar pecados (cf. Mt 16,19), sobretudo porque não devia dar espaço às astúcias dos hereges, que na verdade querem destruir a esperança dos homens para introduzirem com maior facilidade entre os desesperançados a persuasão de repetir o batismo.

35. Porém os apóstolos, que conservam a doutrina segundo o magistério de Cristo, ensinaram a penitência, prometeram o perdão, remiram a culpa, assim como Davi também ensinou ao dizer: “Felizes aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cujos pecados foram cobertos; feliz aquele a quem o Senhor não imputou o pecado” (Sl 31,1-2). De fato, Davi declara felizes tanto um como outro: aquele cuja iniquidade é perdoadada através do batismo e aquele cujo pecado é coberto por boas obras. Com efeito, quem faz penitência, não só deve diluir em lágrimas seu pecado, mas também cobrir e esconder os delitos passados com ações mais puras, para que o pecado não lhe seja imputado.

36. Cubramos, portanto, nossas quedas com ações posteriores, purifiquemo-las com lágrimas, para que o Senhor nosso Deus nos ouça ao chorarmos, assim como ouviu Efraim em lágrimas, conforme está escrito, quando Deus disse: “Pondo-me à escuta, ouvi Efraim que se lamentava” (Jr 31,18). E expressou as próprias palavras da lamentação de Efraim, dizendo: “Tu me castigaste e eu fui castigado; como um bezerro eu não fui instruído” (Jr 31,18). De fato, o bezerro brinca e abandona o estábulo; por isso Efraim “como um bezerro”, não foi instruído, foi colocado longe do estábulo, porque abandonou o “estábulo do Senhor” (cf. Is 1,3) e, segundo Jeroboão, adorou bezerros (cf. 1Rs 12,28-32). É isto que, por meio de Aarão, a profecia indicara que iria acontecer: que assim haveria de cair o povo judeu (cf. Ex 32,1-6). Por isso, fazendo penitência, Efraim diz: “Converte-me e serei convertido, porque tu és o meu Senhor, porque no profundo do meu cativeiro eu fiz penitência e, depois que compreendi, chorei os dias de confusão e tornei-me submisso a ti, pois aceitei o opróbrio e te fiz saber disso” (Jr 31, 18-19).

37. Percebemos de que modo deve ser feita a penitência, com que palavras, com que lágrimas, a ponto de Efraim chamar os dias de pecado de “dias de confusão”; de fato, existe confusão quando se nega a Cristo.

38. Por isso, submetamo-nos a Deus e não sejamos súditos do pecado. Ao passar revista à lembrança de nossos delitos, enrubeçamos como de um opróbrio; não os proclamemos como uma espécie de glória, à maneira de certas pessoas que se gloriam de haver espezinhado o pudor e esmagado a justiça. E seja tamanha a nossa conversão, que nós mesmos, que não reconhecíamos a Deus, agora o anunciemos aos outros; que o Senhor, por sua vez, responda, movido por nossa conversão tão intensa: “Ó Efraim, desde a minha juventude tu és para mim um filho querido, o menino das minhas delícias. Visto que minhas palavras permanecem nele, eu o terei em minha

memória; por isso eu me apressei por sua causa, e terei misericórdia dele, diz o Senhor” (Jr 31,19-20).

39. Por outro lado, ele mostra em seguida qual é a misericórdia que nos promete, dizendo: “Inebriei toda alma sedenta e saciei toda alma faminta; por isso me levantei e vi, e meu sono é doce para mim” (Jr 31,25-26). Percebemos que o Senhor promete seus sacramentos àqueles que pecam. Assim, convertamo-nos todos ao Senhor.

6. 40. Todavia, se estes não se convertem, convertei-vos ao menos vós, que por diferentes pecados decaístes do elevado cume da inocência e da fé. Temos um Senhor bom, que quer perdoar a todos, que te chamou por meio do profeta, dizendo: “Sou eu, sou eu, que destruo as tuas iniquidades, e não mais me lembrarei. Tu, porém, lembra-te, para que entremos em processo” (Is 43,25-26). “Eu”, diz ele, “não me lembrarei, mas tu lembra-te”, isto é: Não evoco todos aqueles delitos que te perdoei; foram como que cobertos por uma espécie de esquecimento. “Tu, porém, lembra-te”. “Eu”, diz ele, “não me lembrarei” por causa da graça, “tu lembra-te” por causa da correção. Lembra-te, para que saibas que o pecado foi perdoado, para que não te glories como se fosses inocente, para que não te incrimines mais tentando justificar-te. Mas se queres ser justificado, confessa teu delito, pois a confissão humilde dos pecados desfaz os laços dos crimes.

41. Tu vês o que exige de ti “Deus, teu Deus” (cf. Sl 44,8; 49,7): que te lembres da graça que recebeste e não te “glories como se não a tivesses recebido” (cf. 1Cor 4,7). Vês com que promessa de remissão ele te incita a confessar. Guarda-te, para que, resistindo aos mandamentos celestes, não caias na impiedade dos judeus, aos quais diz o Senhor Jesus: “Cantamos para vós e não dançastes, lamentamos e não chorastes” (Lc 7,32).

42. A palavra é pouco elevada, mas o mistério não é. Por isso, é preciso acautelar-se para que ninguém se engane com certa interpretação vulgar desta passagem e pense que nos são recomendados movimentos ridículos de dança sensual e extravagâncias de teatro; tais coisas são condenáveis até na adolescência. Mas a dança que Jesus recomenda é aquela que Davi dançou diante da arca do Senhor (cf. 2Sm 6,12-23). Pois tudo convém quando é dedicado à religião, de modo que não nos envergonhemos de nenhum serviço que possa ser útil ao culto e à observância de Cristo.

43. Não é, portanto, a dança, companheira dos prazeres e da luxúria, que se recomenda, mas aquela em que cada um levanta o corpo com agilidade e não deixa os membros jazerem indolentemente por terra, ou ficarem entorpecidos pela lassidão dos passos. Paulo dançava espiritualmente quando se desdobrava em nosso favor; esquecendo o que fica para trás, buscando o que estava à sua frente, lutava pelo prêmio da vitória de Cristo (cf. Fl 3,13-14). Tu também, quando vens ao batismo, és exortado a erguer as mãos, a ter pés mais velozes, para poderes subir até as realidades eternas. Esta é a dança que é sócia da fé, companheira da graça.

44. Portanto, é este o mistério: “Cantamos para vós” certamente o cântico do Novo Testamento, “e não dançastes”, isto é: não elevastes a alma até a graça espiritual. “Lamentamos e não chorastes”, isto é: não fizestes penitência. É por isso que o povo judeu foi preterido, porque não fez penitência e recusou a graça, penitência pedida por João, graça concedida por Cristo; esta última Cristo concede como Senhor, a primeira João a anuncia como servo. Por isso, a Igreja guarda uma e outra, de tal modo que alcança a graça e não abandona a penitência. Pois a graça é a dádiva de quem é pródigo, a penitência é o remédio para quem peca.

45. Jeremias sabia que a penitência é grande remédio; em suas lamentações ele assumiu-a em nome de Jerusalém e induziu a própria Jerusalém a fazê-la, ao dizer: “Gemendo ela chorou na noite e havia lágrimas em seu queixo; não há quem a console entre todos os que a amam. As ruas de Sião estão chorando” (Lm 1,2.4). E acrescentou: “É, pois, nelas que eu choro; meus olhos estão agora

obscurcidos pelo pranto, porque aquele que me consolava se afastou de mim” (Lm 1,16; cf. Jó 16,17). Sabemos que para Jerusalém era este o auge mais acerbo de seus males: a falta de quem a consolasse quando sofria. Como, pois, podeis arrancar precisamente esta consolação, negando a esperança de relaxar a penitência?

46. Contudo, quem faz penitência, escute como deve fazê-la; com que empenho, com que sentimento, com que intenção de espírito, com que abalo das mais íntimas entranhas, com que conversão do coração: “Vê, Senhor, diz o profeta, como estou atribulado, meu ventre está conturbado por meu pranto, meu coração está convertido dentro de mim” (Lm 1,20).

47. Já compreendeste a intenção do espírito, a fê da mente; aprende agora a atitude do corpo: “Sentaram-se por terra, diz o profeta, calaram-se os anciãos da filha de Sião e puseram terra sobre suas cabeças, cingiram-se de cilícios, fizeram prostrar-se por terra as principais virgens de Jerusalém. Meus olhos desfizeram-se em lágrimas”, ficaram obscurcidos, “meu ventre ficou conturbado, esvaiu-se por terra” a minha glória (Lm 2,10-11; cf. Jó 16-17).

48. Assim chorou também o povo de Nínive e evitou a destruição da cidade, que já fora anunciada (cf. Jn 3,5-10); tão poderoso é, pois, o remédio da penitência que Deus parece mudar seu desígnio. Portanto, salvar-te está em teu poder. O Senhor quer que lhe roguem, que esperem nele, que lhe supliquem. Tu és homem e queres que te peçam para que perdoes — e julgas que Deus vai perdoar-te sem lhe pedires?

49. O próprio Senhor chorou sobre Jerusalém (cf. Lc 19,41-44), para que ela alcançasse o perdão graças às lágrimas do Senhor, pois ela própria não queria chorar. O Senhor quer que nós choremos, para que possamos salvar-nos, como está escrito no evangelho: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai por vós mesmas” (Lc 23,28).

50. Davi chorou e conseguiu que a divina misericórdia poupasse da morte o povo já condenado; quando lhe foram apresentadas três opções, escolheu aquela em que poderia experimentar a maior compaixão do Senhor (cf. 2Sm 24). Por que te envergonhas de chorar teus pecados, quando Deus mandou até os profetas chorarem pelos povos?

51. Enfim, Ezequiel também teve ordem de chorar por Jerusalém e recebeu um livro em cujo início estava escrito *lamentação, poema e ai* (cf. Ez 2,9-10); duas palavras são de tristeza e só uma de alegria, porque será salvo no futuro aquele que neste mundo mais chorar. Com efeito, “o coração dos sábios está na casa do luto e o coração dos tolos, na casa dos banquetes” (Eclo 7,5). E o próprio Senhor afirma: “Felizes sois vós que chorais, porque haveis de rir” (Lc 6,21).

7. 52. Choremos, pois, por um tempo, para que exulte-mos na eternidade. Temamos o Senhor, apresentemo-nos a ele confessando nossos pecados, emendemo-nos de nossas quedas, corriamos o erro, para que não se diga também a nosso respeito: “Ai de mim, minha alma, porque desapareceu da terra o que teme a Deus e não há entre os homens quem se corrija” (Mq 7,1-2).

53. Por que tens medo de confessar tuas iniquidades junto do bondoso Senhor? “Confessa tuas iniquidades, diz ele, para que sejas justificado” (Is 43,26). É agora que ao réu da culpa são oferecidos os prêmios da justificação; com efeito, aquele que reconhece livremente o próprio crime é justificado. Em seguida está escrito: “o justo, no exórdio de seu discurso, é seu próprio acusador” (Pr 18,17). O Senhor conhece todas as coisas, mas espera ouvir tua voz, não para punir-te, mas para perdoar-te. Ele não quer que o diabo te confunda e te acuse de ocultar os pecados. Chega antes de teu acusador; se tu mesmo te acusares, não temerás nenhum acusador; se tu mesmo te denunciasses, ainda que estejas morto, reviverás.

54. Cristo virá ao teu túmulo (cf. Jo 11,38). Se encontrar chorando por ti Marta, mulher muito trabalhadeira; se encontrar chorando Maria, que escutara atentamente a palavra de Deus, como a

santa Igreja, “que escolheu para si a melhor parte” (cf. Lc 10,38-42) — será movido pela misericórdia. Quando vir as lágrimas de muitos por ocasião de tua morte, dirá: “Onde o colocastes” (Jo 11,34)? Isto é: “Em que classe de culpados, em que ordem de penitentes? Que eu possa ver por quem chorais, para que ele próprio me mova com suas lágrimas. Que eu possa ver se ele já está morto para este pecado para o qual se reclama o perdão”.

55. O povo lhe diz: “Vem e vê” (Jo 11,34). Que significa “vem”? Quer dizer: que venha a remissão dos pecados, que venha a vida dos defuntos, a ressurreição dos mortos, “que venha” também para este pecador “o teu reino” (cf. Mt 6,10).

56. Assim ele virá e ordenará que seja erguida a lápide (cf. Jo 11,39) que a queda impôs aos ombros do pecador. Ele era poderoso para remover a lápide com uma ordem de sua palavra; com efeito, quando Cristo ordena, até a natureza insensível costuma obedecer. Pela força silenciosa de uma operação oculta, ele podia afastar a pedra do sepulcro, pois em sua paixão os túmulos de muitos mortos repentinamente se abriram, ao serem removidas suas lápides (cf. Mt 27,52). Mas foi a homens que ordenou mover a lápide, concretamente e em figura: concretamente, para que os incrédulos cressem no que viam e vissem alguém que ressurgia dos mortos; em figura, no sentido que nos concedia carregar o peso dos delitos, de certa forma o fardo dos culpados. Nossa função é remover os pesos, a dele é ressuscitar, a dele é tirar fora dos sepulcros os que foram libertos de suas amarras.

57. Vendo, então, o fardo pesado do pecador, o Senhor Jesus chora (cf. Jo 11,35); com efeito, ele não permite que a Igreja chore sozinha; ele participa dos sofrimentos de sua amada e diz ao morto: “Vem para fora” (Jo 11,43), isto é: “Tu que jazes nas trevas de tua consciência e na imundície de teus delitos, como que no cárcere dos réus, sai para fora, revela teu próprio delito, para que sejas justificado”. Pois “é pela boca que se faz a confissão para salvar-se” (Rm 10,10).

58. Se confessares, serás chamado por Cristo; os ferrolhos se romperão e se soltarão todos os laços, ainda que seja forte o mau cheiro de teu corpo em decomposição. Pois tinha quatro dias aquele corpo cuja carne cheirava mal no túmulo (cf. Jo 11,39). Por sua vez, aquele cuja “carne não conheceu a corrupção” (cf. At 2,31) permaneceu três dias no sepulcro; de fato, ele não conheceu os vícios da carne, que é constituída de substâncias dos quatro elementos. Portanto, por mais forte que seja o mau cheiro do morto, será totalmente abolido quando o perfume sagrado começar a espalhar-se (cf. Jo 12,3). O defunto se levanta e aqueles que ainda estão em pecado recebem a ordem de desatar suas amarras (cf. Jo 11,44), tirar de sua face o véu que obscurecia a verdade da graça que recebera. Mas é por ter sido perdoado gratuitamente que ele recebe a ordem de mostrar o rosto, de abrir o semblante. Pois aquele cujo pecado foi remido (cf. Jo 11,44; 2Cor 3,13-4,2) não tem de que se envergonhar.

59. Diante de tão grande graça do Senhor e de tão grande milagre do favor divino, todos deveriam alegrar-se; entretanto, os ímpios se agitavam, e congregavam uma assembléia contra Cristo (cf. Jo 11,46-57); queriam matar Lázaro também (cf. Jo 12,10). Será que vós não percebeis que sois os sucessores da conduta destes ímpios, cuja dureza herdastes? Pois vós também vos indignais e congregais uma assembléia contra a Igreja, porque vedes que os mortos revivem na Igreja e ressuscitam pelo perdão gratuito dos pecados. E assim, no que vos concerne, por inveja quereis matar novamente aqueles que ressuscitaram.

60. Mas Jesus não revoga os benefícios; pelo contrário, amplia-os com a superabundância de sua liberalidade. Com solicitude, ele voltou para rever o ressuscitado; compareceu alegre ao jantar que sua Igreja lhe preparara para celebrar esta ressurreição; neste jantar encontrava-se aquele que estivera morto; era um dos convivas que se reclinavam para comer com Cristo (cf. Jo 12,1-2).

61. Então se admiram todos aqueles que enxergam sobretudo com os olhos puros da mente, os que

não aprenderam a invejar — pois tais são os filhos que a Igreja tem. Admiram-se, como eu já disse, de que aquele que jazia no túmulo (cf. Jo 12,9) na véspera e três dias antes seja um dos convivas que se reclinam para comer com o Senhor Jesus.

62. A própria Maria unge com perfume os pés do Senhor Jesus (cf. Jo 12,3), unge talvez os pés porque um dos fracos foi arrebatado da carne. Com efeito, todos nós somos o corpo de Cristo, mas alguns são os membros superiores. A boca de Cristo era o apóstolo que dizia: “Quereis a prova de que é Cristo que fala em mim” (2Cor 13,3)? A boca de Cristo eram os profetas por meio dos quais ele anunciava as coisas futuras. Oxalá eu mereça ser o pé de Cristo! Oxalá Maria derrame sobre mim seu perfume precioso, unja-me e limpe-me do pecado (cf. Jo 12,3)!

63. Portanto, o que lemos acerca de Lázaro devemos crer a respeito de todo pecador que se converte: ainda que esteja exalando mau cheiro, mesmo assim é purificado pelo perfume da fé preciosa. Pois a graça da fé é tão grande que, no lugar onde na véspera um morto cheirava mal, ali mesmo toda a casa fica repleta de bom odor (cf. Jo 12,3).

64. Cheirava mal a casa de Corinto, quando se escreveu a seu respeito: “Ouve-se falar de fornicção entre vós como não existe nem entre pagãos” (1Cor 5,1). Havia mau cheiro, porque uma medida de fermento corrompera toda a massa (cf. 1Cor 5,6). Ela começa a cheirar bem quando se diz: “Se perdoastes algo a alguém, também eu perdô; pois eu também, se perdoei foi por causa de vós em nome de Cristo” (2Cor 2,10). Assim, liberto o pecador, houve ali uma grande alegria, e toda a casa começou a exalar o perfume suave da graça. Daí dizer que o Apóstolo, bem consciente de que banhara a todos com o perfume do perdão apostólico: “Somos para Deus o bom odor de Cristo entre aqueles que se salvam” (2Cor 2,15).

65. Todos, então, se alegram com a efusão deste perfume; somente Judas faz objeção (cf. Jo 12,4-5). Portanto, que também agora o apóstata faça objeção e o traidor repreenda. Mas ele mesmo é repreendido por Cristo, pois não sabe que a morte do Senhor foi um remédio, e não entende o mistério de tão insigne sepultamento (cf. Jo 12,7-8). Pois na verdade o Senhor sofreu e morre para nos salvar da morte. É isto que Cristo considera como o mais alto valor de sua morte: graças a ela o pecador é absolvido e elevado a uma nova graça, para que todos venham, se admirem de que ele se incline para comer com Cristo e digam louvando ao Senhor: “Comamos e banquetemos, porque este homem estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado” (Lc 15,23-24). Mas se algum incrédulo objetar: “Por que ele come com publicanos e pecadores” (Mt 9,11)? — receberá a seguinte resposta: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim aqueles que estão doentes” (Mt 9,12).

8. 66. Mostra, pois, ao médico tua ferida, para que possas ser curado. Ainda que não mostres, ele a conhece, mas espera de ti poder ouvir tua voz. Apaga com lágrimas tuas cicatrizes. No evangelho, foi assim que aquela mulher apagou o pecado e o mau cheiro de seu erro; foi assim que diluiu sua culpa, ao lavar os pés de Jesus com suas lágrimas (cf. Lc 7,38). 67. Oxalá, ó Jesus, tu reserves para mim também a graça de lavar teus pés, os pés que tu sujaste quando caminhavas em mim! Oxalá me presentes a sujeira de tuas pegadas para que eu a limpe, a sujeira que eu grudei em teus passos com minhas ações! Mas de onde me virá a água viva com que eu possa lavar teus pés? Se não tenho água, tenho lágrimas; enquanto eu estiver lavando teus pés, oxalá eu próprio me dilua nelas! De onde me virá que possas dizer a meu respeito: “Foram perdoados seus numerosos pecados, porque muito amou” (cf. Lc 7,47)? Quanto mais eu confesso que devi, mais me é perdoado, eu que do barulho das disputas forenses e do terror da administração pública fui chamado ao sacerdócio. E por isso eu temo ser achado ingrato se amar menos, pois a mim foi perdoado mais.

68. Não posso, porém, igualar esta mulher a qualquer pessoa. Ela foi merecidamente preferida até

a Simão, que oferecia um jantar ao Senhor; a todos os que desejam alcançar o perdão ela proporcionou um ensinamento, beijando os pés de Cristo, lavando-os com suas lágrimas, enxugando-os com seus cabelos e ungiendo-os com perfume (cf. Lc 7,38).

69. No beijo está o sinal da caridade; por isso o próprio Senhor Jesus diz: “Que ela me beije com um beijo de sua boca” (Ct 1,1). Os cabelos, o que significam? Uma coisa apenas: que saibas que deves implorar o perdão, inclinando toda a dignidade das insígnias deste mundo; que tu mesmo te prosternes por terra a chorar; que, jazendo por terra, movas a misericórdia. No perfume, por sua vez, se expressa o odor da verdadeira conversão. Davi era, de fato, rei, e dizia: “Toda noite lavarei meu leito, regarei com lágrimas minha cama” (Sl 6,7). Por isso obtive graça tão grande: de sua família foi escolhida a Virgem que daria à luz Cristo para nós, com seu parto. É também por esta razão que aquela mulher é enaltecida no evangelho (cf. Lc 7,44-46).

70. Entretanto, não podemos igualar-nos a ela, o Senhor Jesus sabe também socorrer os fracos; quando não existe mulher que possa preparar-lhe um banquete, que possa derramar-lhe perfume, que possa levar consigo “uma fonte de água viva” (cf. Jo 4,10.14), — ele próprio vem ao sepulcro (cf. Jo 11,38).

71. Oxalá, Senhor Jesus, te dignes aproximar-te deste meu túmulo e lavar-me com tuas lágrimas (cf. Jo 11,35), porque em meus olhos tão duros não tenho lágrimas suficientes para poder lavar meus delitos! Se tu chorares por mim, serei salvo. Se eu for digno de tuas lágrimas, apagarei o mau cheiro de todos os meus delitos. Se eu for digno de que chores um breve momento, tu me chamarás do túmulo deste corpo e dirás: “Sai para fora” (Jo 11,43). Assim meus pensamentos não ficarão mais encerrados na estreiteza deste corpo, mas sairão para Cristo, serão mudados em luz, de modo que eu não mais cogite as obras das trevas, mas as obras da luz (cf. Rm 13,12). Pois aquele que cogita o pecado, esforça-se por encerrar a si mesmo dentro de sua consciência.

72. Chama então para fora o teu servo. Mesmo preso pelos laços dos meus pecados, com os pés atados, as mãos amarradas; mesmo já sepultado em pensamentos e “obras mortas” (cf. Hb 9,14), se tu me chamares, sairei livre (cf. Jo 11,44) e serei achado como “um dos que se reclinam” (cf. Jo 12,2) em teu banquete. E tua casa ficará repleta de perfume precioso (cf. Jo 12,3), se tu protegeres aquele que te dignaste redimir. Então se dirá: “Eis que ele não foi alimentado no seio da Igreja, não foi domado desde criança; pelo contrário, foi subtraído aos tribunais, tirado das vaidades deste mundo; em lugar da voz do arauto acostumou-se ao cântico do salmista; persevera no sacerdócio não por sua própria virtude, mas pela graça de Cristo, e reclina-se entre os convivas da mesa celeste”.

73. Preserva, Senhor, a tua obra; protege o dom que me conferiste mesmo quando eu fugia de ti. Pois eu sabia que não era digno de ser chamado bispo, porque me entregara a este mundo. Mas pela tua “graça sou o que sou”; e em virtude “sou o menor” (cf. 1Cor 15,9-10) de to-dos os bispos e certamente o pior; entretanto, já que até eu assumi um serviço em favor de tua santa Igreja, cuida deste fruto; não permitas que se perca este sacerdote que chamaste ao sacerdócio quando estava perdido.

Antes de tudo, que saibamos sofrer com os que pecam, do fundo do coração, pois esta é a virtude, conforme está escrito: “Não te regozijarás à custa dos filhos de Judá, no dia de sua perdição; não te vangloriarás no dia de sua tribulação” (Ab 12). Pelo contrário, cada vez que se apresentar o pecado de alguém que caiu, que eu sofra com ele; que não o recrimine com soberba, mas que lamente e chore. Desta forma, enquanto choro pelo outro, estou chorando por mim mesmo, dizendo: “Tamar foi mais justificada do que eu (Gn 38,26).

74. Talvez uma jovem caia em pecado surpreendida e arrastada pelas ocasiões, que servem de estímulo para os delitos. Mas nós pecamos já velhos; a lei desta carne luta dentro de nós contra a lei

de nossa mente e nos arrasta ao pecado como prisioneiros, para que façamos aquilo que não queremos (cf. Rm 7,23). Para ela basta a justificativa da idade, a mim nada justifica. Pois ela deve aprender, e nós devemos ensinar. Portanto, Tamar foi mais justificada do que eu (Gn 38,26).

75. Censuramos a avareza de alguém? Recordemos se nós próprios não fazemos nada com avareza. Se fazemos — já que “a avareza é a raiz dos males” (cf. 1Tm 6,10) e serpeia ocultamente em nosso corpo como se estivesse sob a terra — então que cada um de nós diga: “Tamar foi mais justificada do que eu” (Gn 38,26).

76. Caso tenhamos sido fortemente impelidos contra alguém, um leigo tem culpa mais leve do que um bispo por aquilo que tenha feito sob este impulso; retratemo-nos, pois, e digamos: Este homem acusado de agir impulsivamente foi mais justificado do que eu. Pois se assim falarmos, estaremos precavendo-nos para que o Senhor Jesus ou algum de seus discípulos não venha a nos dizer: “Vês a palha no olho de teu irmão, mas não vês a trave que está no teu olho. Hipócrita, tira primeiro a trave de teu olho e então verás para tirar a palha do olho de teu irmão” (Mt 7,3.5).

77. Portanto, não nos envergonhemos de dizer que nossa culpa é mais grave do que a daquele que pretendemos acusar; foi assim que falou Judá, que acusava Tamar, e lembrando-se de sua própria culpa, disse: “Tamar foi mais justificada do que eu” (Gn 38,26). Neste fato existe a profundidade de um mistério e um preceito moral: não lhe foi imputada a culpa, porque ele mesmo se acusou antes que fosse acusado pelos outros.

78. Portanto, que eu não me alegre à custa do pecado de alguém; pelo contrário, que chore mais, porque está escrito: “Não te regozijes à minha custa, minha inimiga, porque eu caí. Eu me reerguerei, porque se me sentar nas trevas, o Senhor me iluminará. Suportarei a ira do Senhor por ter pecado contra ele, até que ele faça justiça à minha causa. Ele me julgará, ele me conduzirá até a luz e verei a sua justiça. Então minha inimiga verá e ficará coberta de confusão, ela que me dizia: Onde está o Senhor teu Deus? Meus olhos a verão e ela será pisada como o barro na estrada” (Mq 7,8-10). E não será sem razão, porque quem se alegra com a queda do outro, alegra-se com a vitória do diabo. Assim, intensifiquemos o pranto, quando ouvimos dizer que se perdeu um homem “pelo qual Cristo morreu” (cf. Rm 14,15), porque Cristo não menosprezou nenhum ramo da messe (cf. Mq 7,1).

79. Oxalá Cristo não rejeite este “ramo na messe”, isto é, a aveia desprezível do meu fruto; que a recolha, conforme ele mesmo diz: “Ai de mim, porque me tornei como aquele que recolhe um ramo na messe e um cacho na vindima” (Mq 7,1). Desta forma ele comerá em mim ao menos os primeiros frutos de sua graça, ainda que não aprove os frutos posteriores.

9. 80. Convém, pois, que creiamos que deve ser feita a penitência e concedido o perdão. Desta forma, apesar de tudo, esperaremos o perdão como que da fé, e não como um débito. Pois uma coisa é merecer, outra é presumir-se merecedor. A fé alcança seus fins como que por um contrato; a presunção, pelo contrário, é mais própria de quem se arroga um direito do que de quem faz um pedido. Paga primeiro o que deves, para que mereças alcançar o que esperas. Paga com a disposição de espírito de bom devedor, sem fazeres outro empréstimo, mas liquidando com os bens de tua fé os juros da dívida que contraíste.

81. Quem deve a Deus tem mais recursos para pagar do que quem deve a homem. O homem reclama dinheiro por dinheiro, o que nem sempre o devedor tem à sua disposição; Deus exige a disposição de espírito, que está em teu poder. Quem deve a Deus não é pobre, a não ser que a si mesmo se faça pobre. Ainda que não tenha o que vender, tem com que pagar. A oração, as lágrimas, os jejuns são os bens do bom devedor; são muito mais valiosos do que os de alguém que, sem fé, leva o dinheiro do valor de suas terras.

82. Afinal, pobre era Ananias quando vendeu o campo e levou o dinheiro aos apóstolos, pois não

pôde pagar com dinheiro; pelo contrário, complicou-se (cf. At 5,1-6). Rica era aquela viúva que lançou duas pequenas moedas na sala do tesouro, pois foi dito a seu respeito: “Esta pobre viúva lançou mais do que todos” (Lc 21,2). Com efeito, Deus não procura o dinheiro, mas fé.

83. Eu não nego que o pecado possa ser diminuído pelas dádivas feitas aos pobres, mas só se a fé conferir valor ao que se gasta. Pois para que serve a oferta do patrimônio sem a graça da caridade (cf. 1Cor 13,3)?

84. Existem aqueles que têm em vista apenas a ostentação e a honra da liberalidade; o que desejam é parecerem agradáveis ao povo pelo fato de nada deixarem para si mesmos. Mas enquanto procuram a recompensa deste mundo, não garantem a do futuro, e como já “receberam a sua recompensa” aqui, não a podem esperar lá (cf. Mt 6,2.5).

85. Existem aqueles que, por um impulso precipitado e não por uma decisão definitiva da mente, doaram seus bens à Igreja e depois julgaram que deviam retomá-los; para estes não é válida nem a primeira nem a segunda recompensa, porque a primeira não teve uma reflexão e a segunda foi um sacrilégio.

86. Existem aqueles que se arrependem de ter dividido sua fortuna com os pobres. Entretanto, para os que fazem penitência, é esta a única obra de que não devem arrepender-se; do contrário, estariam fazendo penitência da própria penitência. Muitos, com efeito, temendo o castigo futuro e conscientes de seus pecados, pedem a penitência; porém, quando a recebem, voltam atrás, com vergonha de fazer súplicas em público. Tais pessoas parece que pediram penitência de suas obras más e se penitenciam das boas.

87. Alguns pedem a penitência e querem que a comunhão lhes volte a ser dada de imediato. Seu desejo não é tanto libertar-se, quanto comprometer o sacerdote. Pois não aliviam sua consciência e sobrecarregam a do sacerdote, a quem foi preceituado: “Não deis aos cães o que é santo nem jogueis vossas pérolas diante dos porcos” (Mt 7,6). Quer dizer: a participação na sagrada comunhão não deve ser concedida àqueles que estão cobertos de impurezas.

88. Vê, lá vão eles de roupa trocada, eles que deviam chorar e gemer, porque sujaram a veste da purificação e da graça. As mulheres, por sua vez, enchem as orelhas de pérolas e curvam o pescoço, que deviam inclinar por causa de Cristo e não por causa do ouro; elas deveriam chorar por si mesmas (cf. Lc 23,28), porque perderam a pérola que procede do céu (cf. Mt 13,45-46).

89. Existem também os que pensam que a penitência é esta: abster-se dos sacramentos celestes. Juízes mais cruéis contra si mesmos, prescrevem para si a pena e rejeitam o remédio; convinha-lhes deplorar até mesmo a própria pena, porque ficaram defraudados da graça celeste.

90. Outros, ao lhes ser dada a esperança de fazer penitência, acham que lhes foi prorrogada a licença para pecar, quando a penitência é um remédio para o pecado, não um incentivo para pecar. Com efeito, é o medicamento que é necessário para a ferida, não a ferida para o medicamento, porque é por causa da ferida que se procura o medicamento, e não por causa do medicamento que se deseja a ferida. Além disso, é fraca a esperança que se confia ao tempo, porque todo tempo é incerto, e nem toda esperança sobrevive ao tempo.

10. 91. Porventura alguém admitiria que te acanhes de rogar a Deus, se não te acanhas de rogar a um homem? Que te envergonhes de suplicar a Deus, de quem não és desconhecido, se não te envergonhas de confessar teus pecados a um homem de quem és desconhecido? Porventura tu evitas pessoas que testemunhem tua súplica e conheçam teu caso, quando, para reparar a ofensa a um homem, tens de assediar a muitos e pedir-lhes que se dignem intervir? Quando tu mesmo tens de prosternar-te ante os joelhos deste homem, apresentar-lhe teus filhos, que ignoram tua culpa, para que também eles peçam perdão para o pai? Pois é isto que te repugna fazer na Igreja: suplicar a Deus, pedir ao povo santo

que te ajude a implorar. Na Igreja nada existe que deva causar pudor a não ser deixar de confessar, porque todos somos pecadores; na Igreja é mais digno de louvor aquele que é mais humilde, é mais justo aquele que se julga mais desprezível.

92. Que a mãe Igreja chore por ti e lave a tua culpa com suas lágrimas; que Cristo te veja aflito e te diga: “fe-lizes os tristes, porque vos alegrareis” (cf. Mt 5,4; Lc 6,21). Ele ama que muitos roguem por um só; afinal, no evangelho, comovido pelas lágrimas da viúva, ressuscitou o filho dela, porque muitos choravam por ele (cf. Lc 7,11-15). Ouviu prontamente a Pedro e ressuscitou Dorcas, porque os pobres choravam a morte desta mulher (cf. At 9,36-41). Perdoou de imediato ao próprio Pedro, porque ele chorou amargamente (cf. Lc 22,61-62). Se tu também chorares amargamente, Cristo olhará para ti e tua culpa te abandonará. Com efeito, a experiência da dor afasta a luxúria do crime, as delícias do erro. Assim, enquanto lamentamos as faltas cometidas, excluímos a possibilidade de voltar a cometê-las — e da condenação da culpa nasce de certa forma a disciplina da inocência.

93. Portanto, que nada te afaste da penitência; é o que tens em comum com os santos; oxalá pudesses imitar, tal e qual, a lamentação dos santos. Davi “comia cinza como pão e temperava com lágrimas sua bebida” (Sl 101,10). Por isso agora mais se alegra, porque mais chorou: “Meus olhos desceram pelas torrentes de águas” (Sl 118,136), diz ele.

94. João chorou muito (cf. Ap 5,4) e narra os misté-rios de Cristo que lhe foram revelados. Entretanto, aquela mulher que, mesmo estando em pecado e necessitando chorar, ainda assim se alegrava, se vestia de púrpura e escarlata, se enfeitava com muito ouro e pedras preciosas — chora merecidamente o castigo do pranto eterno (cf. Ap 17-18).

95. Há quem pense que se deva fazer penitência muitas vezes. Tais pessoas “satisfazem em Cristo sua luxúria” (cf. 1Tm 5,11). De fato, se fizessem a penitência com seriedade, não pensariam em repeti-la depois, porque assim como há “um só batismo”, assim também há uma só penitência, isto é, aquela que se faz publicamente. Pais todos os dias devemos arrepender-nos do pecado — mas esta é a penitência para os delitos mais leves, e aquela, para os mais graves.

96. Por outro lado, eu tenho encontrado mais facilmente quem tenha preservado a inocência, do que quem tenha feito penitência adequadamente. Será que alguém pensa que há de fato penitência quando existe ambição de receber dignidade, quando existe profusão de vinho, quando existe o uso legítimo da cópula conjugal? É preciso renunciar ao mundo; é preciso entregar-se menos ao sono do que a natureza pede; é preciso interromper o sono com gemidos, truncá-lo com suspiros, afastá-lo com orações; é preciso viver de tal modo que morramos para o gozo desta vida. Que o homem se renegue a si mesmo e seja totalmente transformado, como certo jovem de quem falam as lendas: depois que teve amores de prostituta, partiu para um país estrangeiro; acabada a paixão, regressou e logo encontrou a antiga amada. Esta, admirando-se por não ter sido interpelada, pensou que não fora reconhecida; encontrando-o novamente, disse a ele: “Sou eu” — e ele respondeu: “Mas eu não sou”.

97. Daí dizer bem o Senhor: “Quem quiser vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24). Porquanto os que foram mortos e sepultados com Cristo (cf. Rm 6,48; Cl 2,20) não devem tornar a pensar como se fossem viventes deste mundo. “Não tocareis”, diz o Apóstolo, “nem vos aproximareis de tudo quanto se destina à corrupção pelo próprio uso” (Cl 2,21-22), no sentido de que o próprio uso desta vida é corrupção de nossa integridade.

11. 98. Por conseguinte, bendita penitência! Se ela não existisse, todos teriam de protelar para a velhice a graça do batismo. Para quem age assim, seja suficiente responder que, para mim, é melhor ter o que remendar do que não ter que vestir. Porém assim como o tecido remendado uma só vez se recompõe, assim também o que é remendado freqüentemente acaba se esgarçando.

99. Por outro lado, àqueles que protelam a penitência, o próprio Senhor já advertiu

suficientemente, ao dizer: “Fazei penitência, pois o Reino dos céus está próximo” (Mt 4,17). Não sabemos em que hora vem o ladrão (cf. Lc 12,39), não sabemos se na própria noite será exigida a nossa alma (cf. Lc 12,20). Depois da culpa, Deus imediatamente expulsou Adão do paraíso; não protelou, mas imediatamente o separou das delícias para que fizesse penitência (cf. Gn 3,23-24); imediatamente o vestiu com uma túnica de pele, não de seda (cf. Gn 3,21).

100. O que há, pois, para que fiques protelando? Será para cometeres mais pecados? Então, porque Deus é bom, por isso tu és mau, e “desprezas as riquezas da bondade e da paciência dele” (cf. Rm 2,4)? Porém a bondade do Senhor deve impelir-te mais à penitência. Por isso, é que o santo Davi diz a todos: “Vinde, adoremos e prostremo-nos diante dele; choremos ante o nosso Senhor, que nos fez” (Sl 94,6). Entretanto, pelo pecador que morreu sem penitência não há nada a fazer, senão afligir-se profundamente e chorar; por isso encontras o mesmo Davi chorando e dizendo: “Meu filho Absalão, meu Filho Absalão” (2Sm Rr 18,33). Pois aquele que está completamente morto é chorado sem nenhuma reserva.

101. Entretanto, pelos peregrinos, exilados das fronteiras paternas estabelecidas pela santa lei de Moisés (cf. Dt 19,34), que foram envolvidos pelos enganos do mundo — tu o ouves cantar: “Ali, junto aos rios da Babilônia, nos sentamos e choramos, enquanto recordávamos Sião” (Sl 136,1). Ele sugere, pois, que a raça dos decaídos deve arrepender-se, pois ainda se encontram na condição do tempo presente, do tempo em que as coisas mudam; haja visto o exemplo daqueles que foram levados ao castigo do cativo para pagarem seu pecado.

102. Entretanto não há nada que provoque uma dor tão grande quanto isto: que alguém, posto sob o cativo do pecado, se recorde de onde caiu, de onde desceu. Quer dizer: decaiu daquela brilhante e bela propensão ao conhecimento de Deus, para as coisas corpóreas e terrenas.

103. É assim que vêes Adão: escondeu-se quando percebeu a presença de Deus; ao ser procurado, tentou ocultar-se (cf. Gn 3,8); foi chamado por Deus com aquela palavra que fere o coração de quem se esconde: “Adão, onde estás” (Gn 3,9)? Quer dizer: “Por que te escondes, por que te ocultas, por que foges daquele que gostavas de ver?” Tão pesada é a culpa de sua consciência que ela mesma se pune, sem juiz; deseja cobrir-se e no entanto está nua diante de Deus (cf. Gn 3,7.10-11).

104. Por isso ninguém que se encontre em pecado deve reivindicar para si o direito de usar os sacramentos, porque está escrito: “Pecaste? Repousa” (Gn 4,7)! É o que Davi diz neste salmo: “nos salgueiros, no meio de Babilônia, penduramos nossos instrumentos musicais” (Sl 136,2). E abaixo: “Como cantaremos um cântico do Senhor em terra estrangeira?” (Sl 136,4) Pois se a carne luta contra a mente, se não se sujeita ao governo do espírito nem ao comando da mente, é uma terra estrangeira, que não foi subjugada pelo trabalho do agricultor e por isso não pode produzir frutos de caridade, paciência e paz. Portanto é melhor repousares, quando não podes praticar obras de penitência, para que não se faça como penitência alguma coisa que depois terá necessidade de penitência. Pois se ela foi usada uma vez, e não foi feita como se deve, não alcança o fruto desta primeira vez e impossibilita o uso da vez seguinte.

105. Sem dúvida, mesmo quando a carne reluta, a mente deve estar orientada para Deus. Mesmo se não vêm depois as obras, que a fé seja zelosa; mesmos e as seduções da carne ou as potências inimigas atacam, que a mente permaneça entregue a Deus. Pois quando a carne nos bate, é então que somos ameaçados ao máximo. E existem aqueles que se atiram violentamente contra a alma infeliz, procurando arrancar-lhe toda proteção; daí estar escrito: “Arrasai-a, arrasai-a até os alicerces” (Sl 136,7).

106. Compadecido com ela, Davi diz: “Ó infeliz filha da Babilônia!” (Sl 136,8). Infeliz certamente, porque é filha da Babilônia e porque deixou de ser filha de Deus. Contudo Davi convoca

um médico para ela, ao dizer: “Feliz quem pegar e despedaçar teus pequenos contra a pedra” (Sl 136,9), isto é, quem quebrar contra Cristo os pensamentos doentios e lascivos, quem quebrar todos os impulsos irracionais no respeito a si mesmo e na reflexão. Desta forma, se alguém for arrebatado por um amor adúltero, rejeitará a cópula abrasadora da meretriz e renunciará a seu próprio gosto para adquirir a Cristo.

107. Em suma, nós aprendemos que não só devemos fazer penitência, mas também que devemos fazê-la no momento em que arrefece o prazer da culpa; aprendemos também que, quando somos escravos do pecado, devemos ser muito reverentes e nem um pouco pretensiosos. Pois foi dito a Moisés, que se impacientava para chegar mais perto, a fim de haurir o conhecimento do mistério celeste: “Tira as sandálias de teus pés” (Ex 3,5). Quanto mais então nós devemos despojar os pés de nossa alma dos laços corporais e libertar todos os nossos passos das amarras deste mundo.